



UNIFACS - UNIVERSIDADE SALVADOR
BACHARELADO EM JORNALISMO

JULIA KATRIANE SANTOS PORTELA

TELEJORNALISMO BAIANO
Interação e proximidade

Salvador
2025.2

JULIA KATRIANE SANTOS PORTELA

TELEJORNALISMO BAIANO

Interação e proximidade

Memorial Descritivo integrante de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado perante a Universidade Salvador - UNIFACS, como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Pires de Lacerda
Coordenadora do Curso: Valéria Catarina Lima

Salvador
2025.2

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família da fé e à minha família sanguínea — em especial aos meus pais, Jocelia Barretto e Ednilson Portela — pelo apoio constante, pela compreensão e pelo incentivo ao longo de toda a minha formação e durante o processo de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. A presença, o suporte e a confiança de vocês foram essenciais para que eu pudesse avançar, mesmo diante dos desafios.

Aos meus amigos, expresso minha profunda gratidão pelo acolhimento nos momentos difíceis, pelas conversas necessárias e por compreenderem cada “não” motivado pelo compromisso com este trabalho. A paciência e a parceria de vocês tiveram papel fundamental nesta trajetória. Em especial, minha amiga Lara Francisca que foi um apoio crucial nessa estação.

Registro, ainda, minha gratidão aos colegas de grupo pela colaboração, parceria e dedicação compartilhada ao longo do curso. Em especial, agradeço ao meu amigo Airton São Pedro, que esteve ao meu lado nesses últimos dois anos, ouvindo desabaços, oferecendo apoio acadêmico e sendo um suporte emocional indispensável. Sua presença iluminou os momentos mais desafiadores, e sou sinceramente grata por isso.

Agradeço também à Record, minha primeira experiência profissional no jornalismo. As portas abertas e as oportunidades vividas moldaram minha visão sobre o fazer televisivo e aprofundaram minha compreensão das múltiplas nuances da produção jornalística. Essa vivência contribuiu significativamente para a profissional que estou me tornando. Em especial, expresso meu reconhecimento a Alcides Neto e Glauber Mateus, cujas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Alice, deixo meu agradecimento pelo acompanhamento atento, pelas orientações qualificadas e pela disponibilidade em cada etapa do processo. Seu cuidado tornou esta caminhada mais leve e contribuiu significativamente para a construção deste trabalho.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa o processo de consolidação do telejornalismo baiano e suas especificidades enquanto prática comunicacional marcada pela proximidade com o público. A pesquisa fundamenta-se em autores como Debord, Habermas, Deuze, Bucci e Nichols, que permitem compreender a relação entre espetáculo, esfera pública, e construção narrativa, além da tensão entre interesse público e interesse do público nas decisões editoriais. O estudo dedica atenção ao telejornal Bahia Meio Dia, da TV Bahia, compreendendo sua transformação estética e editorial, como adaptação a um cenário midiático marcado pela disputa por audiência, pela lógica de engajamento e pela presença crescente das plataformas digitais. A pesquisa resultou no documentário “Nome do documentário” que reúne entrevistas, vivências e narrativas humanas para revelar os bastidores, atores e escolhas que estruturam o telejornalismo baiano. O processo de produção é descrito em seus métodos, decisões estéticas e procedimentos de pesquisa, ressaltando a função do documentário como prática crítica, relacional e reflexiva. Os resultados apontam que o telejornalismo baiano se consolidou com forte apelo popular, equilibrando credibilidade e proximidade, mas enfrenta o desafio permanente de não ceder ao sensacionalismo ou à espetacularização.

Palavras-chave: Telejornalismo baiano; Bahia Meio Dia; TV Bahia; Linguagem de proximidade; Identidade cultural; Interação; Documentário; Televisão local.

ABSTRACT

This undergraduate thesis examines the consolidation process of Bahian television journalism and its specificities as a communicative practice characterized by closeness to the audience. The research draws on scholars such as Debord, Habermas, Deuze, Bucci, and Nichols to explore the relationship between spectacle, the public sphere, and narrative construction, as well as the tension between public interest and the interests of the audience in editorial decisions. Special attention is given to Bahia Meio Dia, a news program on TV Bahia, analyzing its aesthetic and editorial transformation in response to a media landscape marked by the competition for audience, engagement logic, and the growing presence of digital platforms. The research culminated in the documentary “Documentary Name”, which brings together interviews, lived experiences, and human narratives to reveal the behind-the-scenes processes, key figures, and decisions shaping Bahian television journalism. The production process is detailed in terms of its methods, aesthetic choices, and research procedures, highlighting the documentary's role as a critical, relational, and reflective practice. The results indicate that Bahian television journalism has solidified its popularity with a strong appeal to the public, balancing credibility and proximity, while continuously facing the challenge of avoiding sensationalism or excessive spectacularization.

Keywords: Bahian television journalism; Bahia Meio Dia; TV Bahia; Proximity language; Cultural identity; Interaction; Documentary; Local television.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. PANORAMA DO TELEJORNALISMO BAIANO E O PROGRAMA BAHIA MEIO DIA | 10 |
| 2.1 A “baianidade” na televisão local | 13 |
| 2.2 Telejornais populares: participação e remodelação da linguagem na TV aberta .. | 15 |
| 2.3 O Bahia Meio Dia e o futuro do jornalismo na televisão local | 17 |
| 3. O DOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA INVESTIGATIVA | 20 |
| 3.1 Entendendo o poder do produto | 21 |
| 3.2 A produção documental mergulha nas histórias | 22 |
| 3.3 O telejornalismo baiano precisa de uma história bem contada | 25 |
| 4. RELATO: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PRODUTO | 27 |
| 4.1. PROCESSOS E MÉTODOS | 28 |
| 4.1.2. Recortes temáticos | 29 |
| 4.1.3. Pesquisa e levantamento de dados | 30 |
| 4.1.4. Busca de fontes | 32 |
| 4.2. COMPOSIÇÃO DO MATERIAL JORNALÍSTICO | 35 |
| 4.2.1. Materiais textuais | 34 |
| 4.2.2. Conteúdos audiovisuais | 35 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| REFERÊNCIAS | 38 |
| APÊNDICE A - PAUTAS DAS ENTREVISTAS | 40 |
| APÊNDICE B - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO..... | 102 |
| APÊNDICE C - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ..... | 114 |

INTRODUÇÃO

O memorial apresentado neste documento integra o Trabalho de Conclusão de Curso dos estudantes Julia Portela, Airton São Pedro, Douglas Dórea e Matheus Pedreira, do curso de Jornalismo da Unifacs. O produto audiovisual resultante tem como tema o telejornalismo baiano, uma análise da sua consolidação, sua singularidade e suas contradições.

O objetivo principal deste trabalho é compreender como o telejornalismo baiano se consolidou como um símbolo de uma comunicação “mais próxima do povo” e, ao mesmo tempo, examinar as nuances dessa proximidade dentro de um cenário mediático em que a emoção, o carisma e a audiência muitas vezes se confundem com a função pública da informação. Nesse contexto, o problema de pesquisa que orienta este estudo é: Como o telejornalismo baiano se consolidou em proximidade ao longo dos anos, suas motivações e desafios. E como, especialmente as mudanças refletiram em emissoras que não tinha essa linha de proximidade, como a Tv Bahia.

A hipótese central que guia esta pesquisa é que, embora o telejornalismo baiano tenha evoluído para se aproximar do público através de uma comunicação mais empática e inclusiva, essa aproximação muitas vezes se vê comprometida por interesses mercadológicos que priorizam a audiência e a emoção em detrimento da diversidade informativa e da objetividade jornalística.

A pesquisa tem como objetivos gerais: analisar a trajetória do telejornalismo baiano no horário do almoço e a adaptação do "Bahia Meio Dia", destacando os aspectos de sua evolução, suas estratégias editoriais e os fatores que contribuíram para sua consolidação como o telejornalismo mais próximo ao público. Além disso, busca compreender os impactos da popularização da linguagem televisiva, que mistura informação e entretenimento. Especificamente, busca investigar e refletir como o "jeito baiano" de fazer jornalismo contribui para a construção de uma identidade local e o que isso implica na relação entre mídia e audiência.

O produto nasce da observação prática e cotidiana do fazer jornalístico, através da vivência dos autores em estúdios e redações, mas também de uma inquietação: como começou e quais motivações levaram à consolidação do telejornalismo de proximidade

baiano? A televisão baiana oferece um terreno fértil para reflexões. Desde os anos 1980, programas como Balanço Geral popularizaram uma linguagem espontânea e participativa, marcada pela emoção e pela oralidade, ao passo que telejornais como o Bahia Meio Dia, da TV Bahia, incorporaram gradualmente o mesmo tom, aproximando-se do público sem abandonar a estrutura institucional da Rede Globo.

Mas essa aproximação, ainda que legítima e culturalmente autêntica, não é neutra. Como já alertava o filósofo Guy Debord (1967) em *A sociedade do espetáculo*, o sistema midiático tende a transformar toda relação social em representação e, nesse sentido, o “povo na tela” é, ao mesmo tempo, participante e produto. Há, portanto, um paradoxo: o mesmo jornalismo que dá voz ao cidadão também o converte em desempenho, em personagem de uma narrativa que precisa render para existir.

Esse duplo movimento entre empatia e estratégia, entre emoção e mercado, é o ponto de partida deste memorial. O documentário que acompanha a pesquisa pretende revelar as vozes e rostos que construíram o telejornalismo baiano, mas também analisar as estruturas que o sustentam. Trata-se de pensar a televisão não apenas como espelho do povo, mas como máquina simbólica que produz sentidos, identidades e hierarquias de visibilidade.

Como lembra Walter Benjamin (1936), “a reprodutibilidade técnica retira da obra sua aura, mas devolve a ela a possibilidade de acesso coletivo”. O telejornalismo, nesse contexto, amplia o alcance da voz popular, mas também a molda, recorta e enquadra. Na Bahia, esse processo ganha nuances culturais próprias, atravessadas por humor, improviso, opinião e resistência.

Este memorial, portanto, busca equilibrar o olhar empático e o olhar crítico. O telejornalismo baiano é, sem dúvida, expressão viva de uma cultura de proximidade, mas é também um campo de disputa entre a comunicação como serviço público e a comunicação como espetáculo. O documentário procura, assim, percorrer essa fronteira, revelando como o telejornalismo local baiano evoluiu entre a necessidade de se aproximar do público e o risco de se diluir no entretenimento.

A trajetória do memorial apresenta-se da seguinte forma: O capítulo 2 retrata o panorama do Telejornalismo Baiano e o Programa Bahia Meio Dia, abordando a evolução do telejornalismo na Bahia, analisando o impacto de programas como o Bahia Meio Dia na

construção de uma identidade jornalística popular e sua adaptação às novas demandas da audiência e do mercado.

No capítulo 3 destaca-se como o documentário é uma ferramenta investigativa e discute-se o poder do documentário ao permitir aprofundar as questões do telejornalismo, explorando como ele se utiliza de histórias humanas para aprofundar a compreensão dos impactos sociais e culturais da mídia.

O capítulo 4 mostra o processo de construção do produto, detalha o processo prático de criação do documentário, incluindo métodos de pesquisa, levantamento de dados e construção das narrativas visuais e textuais que alimentam o produto final. Ainda no capítulo 4 apresenta-se a composição do material jornalístico, como o conteúdo textual e audiovisual foi estruturado e produzido para comunicar de forma eficaz os temas centrais da pesquisa, refletindo sobre as escolhas editoriais feitas ao longo da produção.

Para finalizar, o capítulo 5 apresenta as considerações finais alcançadas ao longo do estudo, refletindo sobre as tensões entre o jornalismo de proximidade e o sensacionalismo, e sobre o futuro do telejornalismo baiano diante das novas transformações tecnológicas e culturais.

2. PANORAMA DO TELEJORNALISMO BAIANO E O PROGRAMA BAHIA MEIO DIA

Neste capítulo, apresenta-se um breve panorama atual do telejornalismo baiano, buscando compreender como as grandes emissoras vêm adaptando suas práticas diante das mudanças tecnológicas, sociais e culturais. Nesse cenário, a TV Bahia, afiliada da Rede Globo, e seu telejornal de maior audiência, o Bahia Meio Dia (BMD), se apresentam como um exemplo dessas transformações. A evolução desse formato não é resultado apenas de questões técnicas, mas também de escolhas editoriais e conceituais, que dependem diretamente da definição do que se entende por um “bom” telejornal. Para além dos aspectos formais, como ritmo, duração e linguagem, é necessário discutir os critérios internos que orientam a produção jornalística: quais fatos devem ganhar existência pública como notícia? Essa questão sempre esteve no centro do debate jornalístico e ganha nova dimensão quando se fala em proximidade com o público.

O campo do Newsmaking trouxe o conceito de noticiabilidade como ferramenta analítica para essa discussão, indicando que “quanto mais negativo, nas suas consequências, é um acontecimento, mais probabilidade ele tem de se transformar em notícia” (Galtung e Ruge, 1965 apud Wolf, 2003, p. 185). Além disso, a atualidade, o equilíbrio, a qualidade narrativa e a capacidade de atrair o espectador são critérios que moldam essa escolha. No entanto, nem sempre esses parâmetros se mantêm rigorosos. No telejornalismo baiano atual, pautas policiais e casos de grande impacto emocional dominam a grade, muitas vezes guiadas pela lógica do que “rende” audiência. Essa lógica coloca em tensão a função social do jornalismo, que deve informar, com a necessidade econômica das emissoras, de conquistar e fidelizar o público.

O panorama do jornalismo local, especialmente no horário do almoço, é marcado por estratégias que buscam encurtar a distância entre emissora e espectador. Programas como o Balanço Geral exploram pautas de forte apelo popular, com um viés policial, utilizando uma linguagem imediata e carregada de emoção. Nesse contexto, o Bahia Meio Dia busca se posicionar equilibrando credibilidade, prestação de serviço e proximidade com o público. Essa estratégia não se restringe a pautas específicas, mas envolve a construção de um formato editorial que conecta conteúdo, linguagem e apresentação, criando um diálogo com o espectador.

Um dos elementos centrais dessa estratégia é o papel ampliado do repórter. No telejornalismo baiano contemporâneo, o repórter não é apenas um narrador distante, mas um mediador ativo, capaz de estabelecer vínculos com o público. A presença física na rua, a interação direta e a construção de uma narrativa empática transformaram o repórter em figura fundamental para a aproximação jornalística.

Essa prática dialoga com as reflexões de Deuze (2005) sobre o jornalismo como prática relacional, na qual o profissional não só transmite informações, mas também constrói identidades e vínculos sociais. Essa função é potencializada pelas ferramentas digitais. É cada vez mais comum que imagens e informações exibidas nos telejornais sejam enviadas diretamente pelo público, por meio de aplicativos como WhatsApp ou pelas redes sociais, tornando o telespectador um participante ativo na construção da notícia. A presença digital da TV Bahia e demais emissoras não é apenas um canal de divulgação, mas uma extensão do próprio telejornal, abrindo novas possibilidades de interação e participação.

Essa transformação, no entanto, traz consigo tensões e dilemas éticos. A proximidade, embora celebrada, pode abrir espaço para um jornalismo pautado pelo sensacionalismo ou pela emoção em excesso, comprometendo critérios de noticiabilidade. Ao mesmo tempo, a lógica de engajamento e audiência reforça a tendência de priorizar conteúdos que provocam maior impacto emocional, muitas vezes em detrimento da diversidade informativa. Esse cenário coloca o telejornalismo baiano diante de um desafio contínuo: manter o equilíbrio entre interesse público, credibilidade e capacidade de engajamento.

No contexto do telejornalismo, é fundamental compreender a diferença entre interesse público e interesse do público, conceitos que orientam a produção jornalística de maneiras distintas. O interesse público, como observa Jürgen Habermas (1962) em sua teoria da esfera pública, refere-se àquilo que é relevante para a coletividade e deve ser levado ao conhecimento do público, independentemente de gerar grande comoção ou engajamento emocional. Questões como direitos civis, saúde, educação e segurança são exemplos de assuntos que afetam a sociedade de maneira ampla, sendo, portanto, de interesse público. Essas questões precisam ser discutidas de forma racional e informada, pois seu impacto é vital para o bem-estar coletivo e para o funcionamento democrático da sociedade.

Por outro lado, o interesse do público está mais ligado aos gostos, expectativas e emoções do telespectador. Esse conceito, frequentemente influenciado pela busca por entretenimento, sensacionalismo e curiosidade, trata de temas que atraem a atenção imediata, mas nem sempre são essenciais para a formação de uma opinião pública crítica e informada. O interesse do público pode se traduzir em conteúdos mais apelativos ou superficiais, que priorizam o engajamento rápido em detrimento de uma reflexão profunda sobre os problemas sociais (Traquina, 2005).

No campo do telejornalismo, essa tensão entre interesse público e interesse do público torna-se evidente quando se priorizam temas que geram maior audiência ou envolvimento nas redes sociais, mas que nem sempre correspondem a questões de relevância social. Habermas (1962), em sua obra sobre a transformação da esfera pública, argumenta que os meios de comunicação têm a responsabilidade de funcionar como mediadores de debates que possibilitam uma deliberação pública sobre o bem comum. Nesse sentido, o jornalismo deve ser capaz de equilibrar as demandas de audiência com a necessidade de informar o público sobre o que realmente importa para o fortalecimento da democracia e do bem-estar coletivo.

Essa reflexão coloca à prova o papel do jornalista, que deve atuar como mediador entre o que é atrativo e o que é necessário para o público, garantindo que o telejornalismo, especialmente em contextos como o baiano, continue sendo uma prática de serviço público, sem se perder na busca por mera audiência ou sensacionalismo. Como Habermas (1962) sugere, a mídia tem um papel crucial na construção de uma opinião pública que seja verdadeiramente informada, o que exige dos jornalistas uma postura ética de compromisso com o interesse público.

A dinâmica atual também revela uma lógica concorrencial intensa. É comum que diferentes emissoras apresentem simultaneamente pautas iguais e no mesmo momento, resultado de uma disputa estratégica pelo “assunto quente” que gere audiência. Nesse contexto, o Bahia Meio Dia tenta se diferenciar ao buscar construir um formato editorial que combina credibilidade, prestação de serviço e proximidade afetiva com o telespectador, valorizando pautas comunitárias, sociais e de utilidade pública, sem abrir mão de critérios jornalísticos. Essa postura reafirma a relevância de pensar o telejornalismo baiano não apenas como um produto midiático, mas como um espaço de mediação social, cultural e política.

Compreender o panorama atual do telejornalismo baiano é reconhecer que ele não é estático, mas fruto de um processo contínuo de adaptação e negociação entre emissoras, jornalistas e público. Nesse contexto, o Bahia Meio Dia representa uma síntese dessa relação: um produto que articula tradição e inovação, linguagem popular e rigor informativo, mantendo a atenção diante da complexidade da disputa pela audiência e da necessidade ética de informar.

2.1. A “baianidade” na televisão local

Quando a televisão chegou ao Brasil, em 1950, havia apenas 2 mil aparelhos em uso. Meio século depois, mais de 90% dos lares já possuíam um televisor (BORELLI, 2000, p.147– 148). A TV passou a ser não apenas meio de comunicação, mas instrumento de formação nacional. Como afirma Bucci (1997, p.14), “o jeito próprio que a televisão inventou de ver o mundo contaminou o modo de olhar dos cidadãos”.

Na Bahia, essa contaminação ganhou sotaque, ritmo e emoção próprios. A televisão local emergiu como extensão da oralidade popular, uma arena de reconhecimento e diálogo. O telejornalismo baiano se consolidou na encruzilhada entre a informação e o convívio, um espaço em que notícia se mistura à vida cotidiana. Nos anos 1980, o rádio meio dominante até então transfere para a TV baiana seu modelo de comunicação direta, espontânea e participativa. É nesse contexto que surge o Balanço Geral, na TV Itapoan, comandado por Raimundo Varela, figura que se tornaria o emblema do telejornalismo de proximidade.

Varela não era apenas âncora: era personagem, mediador, porta-voz e, em muitos momentos, juiz moral. Sua performance fundia jornalismo e teatralidade, criando um vínculo afetivo com o público, mas também estabelecendo um tipo de autoridade emocional que substituía a objetividade jornalística pela identificação pessoal. Esse formato representou uma ruptura estética e narrativa. Se, de um lado, aproximava o povo das telas, de outro redefinía o papel do jornalista, que deixava de ser observador neutro para se tornar protagonista da própria notícia.

A crítica frankfurtiana ajuda a compreender esse fenômeno. Adorno e Horkheimer (1947) descrevem a “indústria cultural” como um sistema que padroniza a emoção e

transforma o afeto em mercadoria. No jornalismo popular, a emoção é tanto forma de empatia quanto estratégia de fidelização. A dor e a solidariedade são dramatizadas para manter a atenção. A fronteira entre engajamento e espetáculo, portanto, é tênue e, como lembra Bucci (2006), “a televisão se alimenta daquilo que ela própria produz: emoção em circuito fechado”.

Nos anos 2000, com o avanço da tecnologia e da cultura participativa, o modelo do Balanço Geral passou a influenciar todas as redações do estado. Mesmo a TV Bahia, tradicionalmente mais institucional por ser afiliada da Rede Globo, incorporou elementos de descontração e diálogo com o público, principalmente com o lançamento do Bahia Meio Dia, em 1997. O Bahia Meio Dia ocupou o horário do almoço com uma linguagem acessível, mais humana, marcada por quadros de prestação de serviço (Desaparecidos, Minha Vida no Buzu) e pela presença constante das comunidades. Diferente do BATV lançado em 1987, de tom mais formal e noturno, o Bahia Meio Dia trouxe o cotidiano das ruas para dentro do estúdio, abrindo espaço para pautas sociais, histórias de superação e problemas urbanos.

Contudo, é importante reconhecer que essa “popularização” da narrativa televisiva não se deu apenas por vontade de representar o povo, mas também por necessidade de audiência. O “jeito baiano” de comunicar, com sua informalidade e afeto, tornou-se igualmente estratégia mercadológica. A espontaneidade passou a ser, em parte, roteirizada; a emoção, calibrada para o Ibope. A estética da proximidade, portanto, carrega uma ambiguidade essencial: ao mesmo tempo em que democratiza o discurso, pode reforçar estereótipos e reduzir a complexidade social àquilo que “funciona na tela”. Como observa Debord (1967), “tudo que era vivido diretamente tornou-se representação”. O telejornalismo baiano vive essa

tensão: entre representar o povo e representar-se através dele.

Ainda assim, a televisão na Bahia segue sendo um campo privilegiado de análise da cultura e da comunicação popular. O Balanço Geral e o Bahia Meio Dia tornaram-se dois polos de um mesmo processo, um mais abertamente popular e assistencialista, outro mais institucional e integrado à narrativa da Globo. Juntos, compõem a genealogia de um telejornalismo que aprendeu a falar com sotaque, a rir de si mesmo e a reconhecer a potência simbólica de estar “perto”.

O telejornalismo baiano é resultado de múltiplas forças: tradição oral, cultura popular, modernização tecnológica e lógica de mercado. Entre a empatia e o espetáculo, ele traduz tanto a vontade de ser ouvido quanto o desejo de ser visto. É nesse intervalo entre a voz e a imagem, entre o povo e a tela que se constrói a história que este trabalho pretende contar.

2.2. Sucesso dos telejornais populares, quadros com participação social e remodelação da linguagem na TV aberta

O telejornalismo baiano contemporâneo se estrutura em torno de uma relação de reciprocidade entre quem comunica e quem recebe a mensagem. Essa relação não é neutra nem espontânea, é construída, pensada e atualizada a cada edição, quadro e forma de falar com o público. A noção de modos de endereçamento, como propõem autores como John Hartley (2001), Daniel Chandler (1997) e David Morley (1999), ajuda a compreender essa dinâmica. Mais do que um simples “tom de voz” ou escolha de linguagem, o modo de endereçamento é o que define o caráter do programa e o diferencia da concorrência, constituindo um estilo próprio. Para Hartley (2001, p. 88), “é o modo de endereçamento, o tom de um jornal ou transmissora que o distingue da concorrência e fornece muito do seu atrativo para espectadores e leitores”.

A mensagem, portanto, é sempre resultado de uma relação entre emissor e receptor. Retomando Bakhtin (1973 apud Hartley, 2001, p. 88), cada palavra é produto de uma relação recíproca entre falante e ouvinte, não há fala sem a presença do outro. O telejornalismo baiano tem explorado essa reciprocidade de forma cada vez mais consciente. As emissoras passaram a pensar o público como interlocutor ativo, não apenas como espectador passivo, moldando o conteúdo de modo que ele se sinta parte do processo. Nesse contexto, programas como o Bahia Meio Dia constroem sua narrativa não apenas a partir do que mostram, mas principalmente de como falam com o público: o olhar direto para a câmera, a fala coloquial, o humor sutil e o tom de conversa cotidiana fazem parte dessa estratégia de endereçamento que busca gerar identificação.

O público, por sua vez, gosta de se ver representado. Há um reconhecimento simbólico em se perceber nas histórias, nos sotaques, nas paisagens e até nas expressões

dos repórteres. Essa sensação de pertencimento cria o que se pode chamar de popularidade por contágio: mesmo que, em alguns momentos, o conteúdo não agrade completamente, o telespectador se mantém conectado, movido pelo hábito, pela curiosidade ou pela necessidade de não se sentir desinformado sobre o que acontece ao seu redor. Essa permanência é um dos pilares do telejornalismo de proximidade, que se alimenta da repetição, do cotidiano e da familiaridade.

Com a chegada dos anos 2000, a televisão baiana experimentou um modo de se comunicar, marcada pela ascensão de programas que colocavam o público no centro da narrativa. A valorização do olhar popular e da experiência cotidiana passou a compor o tecido informativo da TV local. O Na Mira, da TV Aratu, é um exemplo dessa virada: um programa que mistura denúncia, emoção e espontaneidade, em que o apresentador se coloca como representante do povo, alguém que fala com o telespectador, e não para ele. De maneira semelhante, o Que Venha o Povo consolidou a lógica de um jornalismo que nasce da rua, das histórias reais, e que dialoga diretamente com a identidade cultural da Bahia.

O Bahia Meio Dia, por sua vez, adotou um caminho mais equilibrado entre o popular e o institucional. Quadros como Desaparecidos e Minha Vida no Buzu são expressões dessa ponte entre o humano e o informativo. A condução sensível de Andréa Silva tornou-se marca do quadro e símbolo de um jornalismo empático, que entende a comunicação como prática solidária e social. Já o Minha Vida no Buzu introduziu o humor e a leveza como estratégias de aproximação, traduzindo a rotina do transporte público e os dramas urbanos em um tom acessível, cotidiano e profundamente identificável.

Esses formatos expressam uma concepção mais ampla do jornalismo como prática de escuta e mediação. O repórter, nesse modelo, deixa de ser o intermediário distante e se torna presença viva no território da notícia, alguém que compartilha, sente e interage com a realidade que narra. É nesse ponto que o telejornalismo baiano revela sua dimensão filosófica: a comunicação não é mais transmissão unilateral, mas um encontro entre sujeitos. O repórter, ao olhar para a câmera, olha também para o outro; é um gesto de reconhecimento, de diálogo com a alteridade.

Entretanto, essa construção de proximidade também pode carregar riscos. Ao buscar a empatia e a emoção, o telejornalismo pode ceder ao apelo do sensacionalismo,

diluindo a fronteira entre o que informa e o que apenas entretém. A crítica de Adorno e Horkheimer (1944) sobre a indústria cultural ressoa nesse ponto: quanto mais o produto midiático se molda ao gosto do público, mais ele corre o risco de perder seu potencial crítico. No caso da televisão baiana, o desafio é equilibrar a espontaneidade e a linguagem popular sem abrir mão da responsabilidade ética e informativa que sustenta o jornalismo.

Ao mesmo tempo, as emissoras compreendem que o diálogo com o público é o motor da sobrevivência televisiva. Como observam Bistane e Bacellar (2008), a audiência é o verdadeiro termômetro da televisão, e qualquer queda de engajamento exige readequação de pauta e linguagem. A televisão baiana, nesse sentido, tornou-se um espelho da própria sociedade: um espaço onde se projetam as alegrias, as dores, as indignações e o cotidiano do povo. O público participa não apenas como espectador, mas como fonte, colaborador e, cada vez mais, produtor de conteúdo, especialmente com o fortalecimento das redes sociais. O Bahia Meio Dia tem ampliado essa presença digital, utilizando as plataformas online como extensão de sua tela principal e ampliando o alcance das histórias que mobilizam o público.

Dessa forma, o telejornalismo baiano se mantém em uma linha tênue delicada entre o popular e o institucional, entre o ético e o emocional, entre o humano e o técnico. O modo de endereçamento, o “tom” com que fala e escuta é o que define essa identidade. E é nessa intersecção entre voz e escuta, entre repórter e público, entre o bairro e o estúdio, que se constrói o jornalismo de proximidade que marca a Bahia: um jornalismo que reconhece o outro como parte essencial da mensagem e transforma a televisão em um espaço de encontro, reflexão e pertencimento.

2.3 O impacto do telejornalismo baiano atual no Bahia Meio Dia - telejornal local mais consolidado no horário do almoço - e o futuro da televisão local.

Zygmunt Bauman (2001) observa que toda estrutura social, ao buscar se manter relevante, precisa se reorganizar diante da fluidez dos tempos modernos. Essa premissa se aplica com clareza ao campo do jornalismo, que passa a reconstruir suas formas de narrar e se conectar com o público em meio às transformações tecnológicas e culturais. Na televisão

baiana, esse processo de reorganização se manifesta de forma concreta a partir do final da década de 2010, quando o Bahia Meio Dia inaugura uma nova fase de reformulação estética, editorial e simbólica.

Em 2018, o telejornal passou a adotar uma condução mais interativa e sensível à realidade cotidiana com a chegada da jornalista Jéssica Senra. Sua presença na bancada representou não apenas uma mudança de estilo, mas a abertura para um novo tipo de diálogo com o público, mais próximo, espontâneo e atento ao cotidiano. Paralelamente, a jornalista Ana Raquel Copetti, que também ingressou na emissora naquele ano, iniciou um processo de reestruturação das pautas e narrativas, buscando integrar as vozes populares e os elementos da cultura baiana à rotina do noticiário. Essa virada editorial deslocou o telejornal de uma postura informativa tradicional para uma perspectiva de pertencimento e identidade local, transformando-o em um espaço simbólico de escuta e representação.

A entrada de Vanderson Nascimento, em 2021, ampliou esse movimento, instaurando um marco de representatividade ao se tornar o primeiro apresentador negro do Bahia Meio Dia. Em um estado de maioria negra, essa presença tem dimensão histórica e comunicacional, pois reforça a identificação do público e revela o esforço da emissora em aproximar o discurso jornalístico das realidades que o compõem. O aumento do número de profissionais negros nas equipes de reportagem e de produção traduz também uma tentativa de ressignificar o olhar jornalístico, rompendo gradualmente com o modelo hegemônico que, por muito tempo, limitou as vozes presentes na televisão baiana.

Essas mudanças editoriais, embora sintonizadas com diretrizes institucionais como as do Grupo Globo (2011), revelam um movimento de tensionamento entre tradição e modernidade. O Bahia Meio Dia busca o equilíbrio entre um jornalismo popular e a manutenção da credibilidade informativa, conciliando o tom leve e cotidiano com a responsabilidade na apuração. Essa harmonia entre forma e conteúdo evidencia uma compreensão mais complexa do que significa ser “popular”: não uma linguagem simplificada, mas um olhar sensível sobre o cotidiano, sem abrir mão da profundidade jornalística.

A reestruturação do Bahia Meio Dia também se reflete de forma significativa nos quadros que compõem sua grade, fortalecendo o vínculo do telejornal com a comunidade e com o imaginário coletivo da Bahia. O quadro "Parceiros do Bahia Meio Dia", por

exemplo, destaca ações de solidariedade e iniciativas sociais que ajudam a melhorar a vida de pessoas em situações de vulnerabilidade, valorizando histórias de superação e apoio mútuo nas diversas regiões da Bahia. Já o "Vai Pra Onde?" é uma iniciativa que utiliza o humor e a curiosidade popular para abordar o transporte público de Salvador, levando o telespectador a acompanhar o cotidiano dos usuários dos ônibus da cidade, enquanto revela aspectos da mobilidade urbana e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas em seu dia a dia. Por fim, "Talentos da Comunidade" celebra a arte e a cultura local, dando espaço para que artistas e expressões culturais da periferia e de comunidades tradicionais se apresentem e se tornem visíveis para um público mais amplo. Cada um desses quadros exemplifica o jornalismo de proximidade em ação, oferecendo um reflexo das experiências cotidianas que definem a identidade e o cotidiano da população baiana. Esses espaços funcionam como pontes entre o telejornal e o público, reafirmando o papel do repórter como mediador social, aquele que traduz, interpreta e devolve à comunidade o reflexo de sua própria realidade.

O Bahia Meio Dia, assim, se torna um espelho das transições do telejornalismo baiano contemporâneo: um produto que ainda carrega o peso das heranças do modelo tradicional, mas que se permite flexibilizar para acolher novas linguagens, múltiplas vozes e formatos. Essa reconfiguração não é apenas estética, é ética e relacional. Em diálogo com o pensamento de Bauman, o telejornal se adapta para continuar existindo em meio à fluidez das telas e à volatilidade das atenções. O futuro, nesse contexto, não é apenas digital. É profundamente humano, sustentado pela escuta e pela proximidade entre quem comunica e quem assiste.

3 . O DOCUMENTÁRIO COMO NARRATIVA INVESTIGATIVA

O documentário é, antes de tudo, um exercício de olhar. Um olhar que não se contenta com a superfície, mas busca compreender as camadas invisíveis que compõem a realidade. Desde suas origens, o formato se posiciona como uma linguagem de fronteira entre a arte e o jornalismo, entre a observação e a interpretação. Bill Nichols (2001) propõe que o documentário é uma “representação do mundo histórico”, não uma cópia do real, mas uma construção que articula fatos, discursos e afetos. Essa perspectiva revela o caráter investigativo do gênero: investigar, aqui, significa também interpretar, compreender e reorganizar o mundo a partir de uma narrativa ética e estética. O documentário, portanto, não apenas mostra, mas interroga; não apenas informa, mas provoca.

A natureza investigativa do documentário não se reduz a uma prática jornalística de apuração, mas a um gesto epistemológico, a busca por significados que não se revelam de imediato. Michael Renov (1993) identifica quatro funções fundamentais do documentário: registrar, persuadir, analisar e expressar. Essas dimensões coexistem e se entrelaçam, fazendo do gênero um espaço de investigação tanto racional quanto emocional. É nesse entrecruzamento que o documentário se distingue do telejornalismo tradicional: enquanto o jornalismo tende à síntese e à objetividade, o documentário opera pela escuta, pela ambiguidade e pelo tempo estendido, permitindo ao espectador uma imersão na complexidade do vivido.

Como observa Fernão Ramos (2008), a força do documentário reside na sua capacidade de “dar a ver o invisível”, de revelar realidades submersas sob a rotina informativa e a repetição das narrativas midiáticas. Essa potência investigativa é, antes de tudo, uma escolha ética: a de escutar o outro, de permitir que a voz marginalizada encontre espaço de representação. A investigação, nesse sentido, se transforma em um gesto político, na medida em que ilumina o que é silenciado. O documentário atua, então, como contraponto à superficialidade da informação rápida, recuperando a densidade da experiência humana.

Para Jean-Louis Comolli (2008), toda imagem documental é atravessada por um “conflito entre ver e saber”. O que o espectador vê não é exatamente o que ele sabe; há sempre uma distância crítica que o documentário deve explorar. Essa tensão entre

aparência e verdade é o que sustenta sua dimensão investigativa. Mais do que buscar respostas, o documentário provoca perguntas. Ele desestabiliza certezas e reabre o campo da dúvida, uma postura essencial para compreender o mundo contemporâneo, saturado por imagens e discursos. A investigação, nesse caso, é também uma pedagogia do olhar.

O documentário, portanto, não é apenas uma ferramenta de registro, mas uma prática de reflexão. Ele amplia o papel do jornalismo ao permitir que as histórias humanas sejam contadas em profundidade, com tempo, escuta e contexto. Nesse processo, a investigação ganha uma dimensão sensível, em que o conhecimento não se constrói apenas por dados, mas por experiências compartilhadas. A narrativa documental é, assim, uma forma de pensar o real com o outro, uma epistemologia do encontro.

3.1. Entendendo o poder do produto

O poder do produto documental reside em sua capacidade de tensionar o real e o simbólico, de fazer o espectador perceber o mundo sob outra luz. Stella Bruzzi (2006) define o documentário como “um ato performativo de negociação com a realidade”, em que cada escolha estética — o enquadramento, a voz, o corte — traduz uma posição ética e política. Diferente da reportagem televisiva, que busca informar de maneira imediata, o documentário constrói um tempo de reflexão, de retorno e de dúvida. Essa suspensão do ritmo cotidiano permite que a investigação se transforme em experiência, e que o produto final seja, mais do que uma narrativa, um espaço de pensamento.

Jean Rouch, um dos precursores do cinema verdade, afirmava que o documentário é um “encontro com o outro”. Esse encontro, entretanto, não é neutro: ele envolve o olhar do realizador, o contexto da filmagem e a presença da câmera como mediadora da realidade. A partir dessa relação, o documentário se torna um espaço de escuta e de troca, onde o ato de filmar é também um ato de convivência. É essa dimensão dialógica que confere ao documentário seu poder transformador. Ele não apenas representa o real, mas o modifica no instante da representação.

Ismail Xavier (2005) observa que toda narrativa audiovisual carrega uma dimensão de “mise-en-scène do real”. No documentário, essa mise-en-scène é assumida, exposta e problematizada, permitindo que o espectador participe ativamente do processo de

interpretação. O poder do documentário, então, não está apenas naquilo que mostra, mas na forma como nos convida a olhar. A montagem, o ritmo e o uso do som, por exemplo, tornam-se instrumentos para construir sentidos que ultrapassam o visível. É nesse jogo entre transparência e opacidade que o documentário afirma seu lugar como forma investigativa.

Fernão Ramos (2013) destaca que o documentário, ao mesmo tempo em que se apoia no real, é uma narrativa construída. A força do produto não reside na ilusão de verdade, mas na sua capacidade de criar vínculos de confiança entre narrador e espectador. O poder está na credibilidade simbólica, o público acredita porque se identifica, porque reconhece nas histórias o eco de sua própria realidade. É essa identificação que transforma o documentário em um instrumento de reflexão social e política, capaz de mobilizar afetos e debates.

Além de instrumento de denúncia, o documentário é também um espaço de reconstrução. Ele devolve à sociedade o que o noticiário fragmenta: a continuidade das vidas, a profundidade dos dramas, a complexidade das vozes. Como afirma Renov (1993), o documentário “expande o campo da comunicação ao incluir o emocional e o poético como vias legítimas de conhecimento”. Esse poder de integrar razão e sensibilidade torna o gênero especialmente adequado para compreender fenômenos midiáticos contemporâneos, como o telejornalismo de proximidade, em que emoção e informação coexistem em tensão.

Por isso, compreender o documentário como produto é reconhecer seu papel de mediação entre o fato e a memória, entre o evento e o discurso. O documentário não apenas mostra o que aconteceu, mas constrói uma forma de lembrança coletiva, uma narrativa que se inscreve no tempo. Em sua essência, o poder do documentário é o poder de narrar o mundo com consciência, um produto que, ao investigar, também revela quem somos quando olhamos para o outro.

3.2 A produção documental mergulha nas histórias

Produzir um documentário é um processo que exige imersão. Cada etapa da pesquisa à gravação, da entrevista à montagem, é guiada por um princípio de escuta e de presença. Bill Nichols (2010) lembra que “a ética da representação é inseparável da ética

da relação”, e que o documentarista é, antes de tudo, alguém que se dispõe a partilhar o mundo com seus personagens. A produção documental, portanto, não é um ato técnico, mas um gesto humano. Mergulhar nas histórias significa construir confiança, compreender silêncios e reconhecer a complexidade das narrativas que emergem do cotidiano.

Nesse processo, a pesquisa não é apenas levantamento de dados, mas aproximação sensível. O realizador se torna parte do ambiente, um observador participante que, ao mesmo tempo, investiga e é transformado pelo contato. Essa reciprocidade é o que dá autenticidade à narrativa documental, uma verdade construída na relação, e não imposta pela câmera.

Jean-Claude Bernardet (2003) aponta que o documentário brasileiro contemporâneo tem se caracterizado por um “olhar implicado”, no qual o realizador não esconde sua presença, mas a assume como parte da experiência. Essa escolha reflete uma ética da transparência: o espectador sabe que há uma mediação, e confia nela porque ela é explicitada. O mergulho nas histórias é, portanto, também um mergulho no próprio processo de fazer cinema. Cada escolha — o enquadramento, o silêncio, a fala — é uma afirmação de que toda narrativa é um recorte.

A dimensão investigativa do documentário se realiza plenamente nesse contato direto com o real. Fernão Ramos (2013) argumenta que o documentarista atua como um “arqueólogo da imagem”, escavando sentidos que estão soterrados sob o ruído da informação cotidiana. A produção documental é, assim, um processo de descoberta contínua, em que o roteiro é apenas uma hipótese inicial, constantemente revisada pela realidade. Mergulhar nas histórias significa aceitar o imprevisto, acolher o acaso como parte da narrativa e reconhecer que a verdade do documentário se constrói no percurso.

Ismail Xavier (2005) propõe que o documentário tem a função de “reencantar o real”, de restituir à imagem o poder de emoção e de espanto que a rotina mediática tende a esvaziar. Ao mergulhar nas histórias, a produção documental devolve densidade às experiências humanas. É nesse ponto que o documentário se diferencia radicalmente do telejornalismo: enquanto o telejornal precisa encerrar a narrativa no tempo da pauta, o documentário se permite a incompletude, a permanência da dúvida e da reflexão. O mergulho é, portanto, também uma recusa à pressa.

Ao final, o processo de produção documental se revela como um ato de construção

coletiva. Cada voz entrevistada, cada gesto registrado e cada escolha de montagem compõem uma teia de sentidos que ultrapassa o controle do realizador. O documentário é, nesse sentido, um organismo vivo, resultado da interação entre quem filma e quem é filmado. Mergulhar nas histórias é reconhecer a alteridade como fundamento, é aceitar que investigar o mundo é, inevitavelmente, deixar-se atravessar por ele.

Ao longo da realização deste documentário, a equipe se empenhou em fazer um mergulho profundo na realidade do telejornalismo baiano, com o objetivo de entender suas dinâmicas e refletir sobre sua transformação nos últimos 20 anos. Conscientes da responsabilidade ética que a prática jornalística exige, a equipe se posicionou de maneira cuidadosa e crítica ao abordar as questões relacionadas ao telejornalismo, buscando sempre equilibrar o que é de interesse público com o que desperta o interesse do público. Em consonância com as discussões teóricas sobre o papel da mídia na formação de uma opinião pública informada, como propõem estudiosos como Habermas (1962) e Fairclough (1995), a equipe optou por tratar de temas que realmente afetam a sociedade, como a saúde, a educação e os direitos civis, evitando temas sensacionalistas ou de apelo meramente emocional.

A escolha das fontes também foi feita com grande rigor ético, buscando garantir uma diversidade de vozes e perspectivas, de modo a não reforçar estereótipos ou visões simplistas sobre a realidade do telejornalismo. A equipe procurou incluir jornalistas, acadêmicos e profissionais da área, garantindo que a análise apresentada no documentário fosse aprofundada e contextualizada, sem distorções ou reduções. Ao longo do processo, a equipe também se preocupou com a ética no tratamento de temas sensíveis, respeitando a dignidade e os direitos das pessoas envolvidas, e evitando explorar conteúdos que pudessem ser utilizados de maneira manipulativa ou para causar choque sem um propósito significativo para a discussão pública.

Esse posicionamento ético refletiu a compreensão de que o telejornalismo deve desempenhar um papel construtivo na formação de uma sociedade democrática e informada, priorizando o bem-estar coletivo e a cidadania, em vez de se submeter às pressões comerciais ou à busca incessante por audiência. A produção foi guiada pela convicção de que, mesmo em um contexto onde o interesse do público muitas vezes se sobrepõe ao interesse público, é possível equilibrar ambos, sem perder de vista a função social do jornalismo.

3.3 O telejornalismo baiano precisa de uma história bem contada

Ao pensar o telejornalismo baiano sob a lente do documentário, é possível perceber como as histórias cotidianas, as vozes populares e as tensões entre proximidade e espetáculo formam um terreno fértil para uma narrativa investigativa. O documentário, enquanto linguagem oferece a possibilidade de revisitar o telejornalismo local não apenas como produto midiático, mas como fenômeno cultural e social. O telejornalismo baiano — especialmente aquele de meio-dia — construiu-se como espaço de fala e representação do povo, mas também como campo de disputa simbólica, onde a emoção e o mercado se cruzam. Contar essa história documental é devolver profundidade ao que muitas vezes se apresenta apenas como entretenimento.

A televisão na Bahia sempre foi mais do que veículo informativo: é mediadora de afetos, identidades e reconhecimentos. Programas como Balanço Geral e Bahia Meio Dia não apenas noticiam, mas performam a baianidade. Como lembra Guy Debord (1967), “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”, e o telejornalismo local vive essa ambiguidade: entre dar voz ao povo e transformá-lo em espetáculo. O documentário, nesse contexto, surge como um antídoto à superficialidade, capaz de olhar novamente para essas representações e questionar: o que, afinal, estamos vendo quando olhamos o povo na tela?

O telejornalismo baiano precisa de uma história bem contada porque sua trajetória é também a história de uma forma de comunicação que desafiou padrões nacionais e institucionais. A espontaneidade, o humor, a oralidade e a empatia que marcam a baianidade de informar constituem uma estética própria, que merece ser compreendida com a mesma seriedade dedicada às grandes escolas jornalísticas do país. O documentário se propõe a contar essa história com tempo, com escuta e com sensibilidade, qualidades que o ritmo da televisão muitas vezes não permite. O gesto documental, nesse caso, é também um gesto de reparação simbólica.

Ao escolher o documentário como formato para narrar o telejornalismo baiano, o trabalho assume uma perspectiva investigativa e crítica. O objetivo não é apenas registrar depoimentos ou reconstruir uma linha do tempo, mas compreender as forças que moldaram o jornalismo de proximidade na Bahia: as influências, o peso da cultura popular, as transformações tecnológicas e as disputas mercadológicas. Como defendem

Nichols (2010) e Renov (1993), a investigação documental é sempre um processo de contextualização, entende o visível a partir do invisível, o espetáculo a partir de suas engrenagens.

A história do telejornalismo baiano é feita de personagens, mas também de estruturas. A figura de Raimundo Varela, a consolidação do Bahia Meio Dia, às transformações editoriais recentes, todos esses elementos compõem uma narrativa em que o popular e o institucional se tencionam. O documentário tem o poder de mostrar essas camadas simultaneamente, de dar voz às subjetividades e, ao mesmo tempo, revelar o sistema que as produz. Nesse sentido, o memorial e o filme se complementam: o texto reflete, o audiovisual revela.

Contar a história do telejornalismo baiano por meio do documentário é reconhecer a televisão como espelho e como invenção. É entender que a proximidade, tão celebrada, é também um projeto que é carregado de intenções e contradições. O documentário, ao mergulhar nessas ambiguidades, cumpre sua função mais profunda: transformar a investigação em reflexão, a notícia em narrativa e o cotidiano em memória. O telejornalismo baiano precisa, e merece, ser contado com a mesma complexidade com que fala o seu povo.

4. RELATO: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PRODUTO

A construção do documentário foi atravessada pelo próprio contexto que impulsionou a escolha do tema. Desde as primeiras discussões no ambiente universitário, tornou-se perceptível que a televisão baiana vivia um movimento ainda mais acelerado em direção à proximidade com o público, sobretudo nos telejornais. Essa percepção não surgiu apenas da observação dos produtos televisivos, mas também da convivência cotidiana com profissionais do mercado e das experiências de estágio dos integrantes do grupo.

Nas conversas iniciais, o horário do meio-dia rapidamente se destacou como um ponto de observação privilegiado. Ali, a disputa por atenção se tornava mais intensa, e as emissoras recorriam a estratégias marcadas pela informalidade, pela interação direta e por uma estética cada vez mais popularizada. A equipe compreendeu, então, que o telejornalismo baiano vivia transformações estruturais impulsionadas tanto pela concorrência por audiência quanto pela reconfiguração das formas de consumo de informação. Surgiu, desse quadro, a necessidade de olhar para o fenômeno de maneira ampla: em que momento a linguagem se tornou mais solta, mais popular, mais próxima?

Essa questão orientou a investigação e possibilitou delinear a arquitetura inicial da narrativa. A equipe optou por dividir o documentário em três grandes momentos: primeiro, uma linha do tempo que contextualiza o surgimento e a consolidação da proximidade televisiva na Bahia; em seguida, a ascensão dos telejornais populares e dos quadros de participação social, que ampliaram o diálogo entre televisão e espectadores; e, por fim, o impacto desse processo sobre o Bahia Meio Dia, telejornal popular da afiliada baiana da Globo que expressa, hoje, a fase mais amadurecida do telejornalismo de proximidade no estado.

Essa perspectiva guiou todo o percurso metodológico, que buscou construir um produto fiel à realidade local, mas também crítico diante das escolhas editoriais que moldam a forma de informar na Bahia. A noção de “limites da proximidade” tornou-se eixo central, sobretudo porque o grupo observou que a expansão da informalidade abre espaço para excessos como o sensacionalismo, a dramatização e a exploração de pautas policiais. Essa constatação reforçou o caráter analítico da narrativa.

Ao mesmo tempo, a equipe se deparou com uma lacuna significativa: a ausência de registros históricos consistentes sobre o telejornalismo baiano e suas transformações ao longo das últimas décadas. Esse vazio documental fortaleceu o propósito de construir não apenas uma narrativa analítica, mas também um gesto de memória, um registro histórico de um fenômeno pouco sistematizado.

Com essa compreensão, iniciou-se a fase de pré-produção, organizada a partir de um cronograma detalhado e da elaboração de pautas individuais para cada entrevistado. A pesquisa exigiu levantamento prévio sobre a trajetória dos profissionais consultados. O mapeamento inicial identificou 34 potenciais fontes, entre apresentadores, repórteres, editores, produtores, diretores e pesquisadores, das quais 22 confirmaram participação, resultado que evidenciou tanto o esforço logístico quanto o compromisso da equipe em garantir diversidade de perspectivas.

A etapa de gravação também exigiu articulação e criatividade. Entre 13 e 22 de outubro, em nove dias úteis consecutivos, a equipe percorreu emissoras, redações, estúdios, cafés e salas de direção para registrar as entrevistas. Das 22 gravações, sete foram realizadas por cinegrafistas profissionais cedidos pela TV Bahia, Davi Cerqueira, Cleriston Santana e Luan Fagundes, por meio do apoio do diretor de operações audiovisuais Romilson Santos (Sinho). As demais entrevistas foram registradas com um iPhone 15 Pro Max, utilizando microfone e tripés emprestados.

A escolha estética, entrevistas em plano fechado, reforçou a intenção de centrar a narrativa nas vozes dos personagens. A construção audiovisual foi concluída com a narração em voz over do jornalista Mauro Anchieta, cuja presença conferiu densidade simbólica e identidade ao produto final.

4.1. Processos e métodos

A produção do documentário foi organizada a partir de um processo de apuração que buscou compreender o tema em profundidade, definindo os elementos necessários para orientar o roteiro e as entrevistas. Essa etapa inicial permitiu que a equipe estruturasse um caminho de investigação capaz de relacionar as transformações recentes do telejornalismo baiano às práticas profissionais observadas no dia a dia das emissoras.

O planejamento partiu da compreensão de que o produto precisava articular duas frentes: uma investigação histórica, necessária para explicar como a linguagem televisiva se modificou ao longo dos anos, e uma leitura atual do fenômeno da proximidade, marcada por estratégias editoriais que hoje orientam boa parte dos telejornais locais. Essa combinação exigiu um método que equilibrasse pesquisa teórica, levantamento de dados e escuta ativa de profissionais que vivenciaram essas mudanças.

Com isso, a equipe optou por organizar o processo de produção a partir de três eixos principais: mapeamento das referências existentes sobre o telejornalismo baiano; definição de um roteiro-base que estruturasse a narrativa em blocos; e seleção de fontes capazes de explicar, por diferentes perspectivas, como se consolidou a informalidade e a interação com o público nos telejornais da Bahia. A construção dessa rede de entrevistados foi uma das etapas mais trabalhosas, já que a ausência de registros históricos sistematizados exigiu uma busca mais ampla por profissionais de diferentes funções e períodos.

Paralelamente ao levantamento de informações, foi elaborado um cronograma detalhado de gravações, levando em consideração disponibilidade das fontes, deslocamentos e locais adequados para cada conversa. A escolha do plano fechado como padrão visual reforçou a intenção de manter a atenção do espectador nas falas dos entrevistados, enquanto a narração em voz over ajudou a costurar o percurso histórico com os depoimentos contemporâneos.

A partir dessas etapas, o método adotado garantiu que o documentário fosse construído de forma coerente com sua proposta: registrar, analisar e contextualizar as mudanças que moldam o telejornalismo baiano, articulando histórias, experiências profissionais e elementos estéticos que caracterizam a atual fase dos telejornais de proximidade no estado.

4.1.1 Recortes Temáticos

A construção do documentário partiu de um recorte temático centrado na transformação do telejornalismo baiano a partir da lógica da proximidade. O grupo decidiu investigar não apenas o resultado final exibido nas telas, mas o cotidiano, muitas vezes invisível, de quem sustenta a prática jornalística diariamente. Essa decisão metodológica

orientou todo o percurso do documentário, desde a escolha das fontes até a definição das perguntas, sempre buscando compreender como a narrativa da proximidade foi construída ao longo das últimas décadas e como permanece viva nos bastidores das redações.

Cada integrante ficou responsável por contatar entre sete e oito profissionais, elaborar pautas específicas e situar cada entrevistado dentro da história que se buscava contar. A seleção priorizou profissionais de diferentes gerações e funções: apresentadores, diretores, editores, repórteres, produtores e jornalistas que fizeram parte da construção das linguagens de rua, do improviso, da escuta comunitária e dos formatos consolidados na televisão baiana. Esse recorte multifacetado permitiu que o documentário avançasse para além de um depoimento isolado, oferecendo uma visão articulada e historicamente ancorada na perspectiva de quem fez essa história dentro da Record, TV Bahia e Aratu.

4.1.3 Pesquisa e Levantamento de Dados

A etapa de levantamento de dados envolveu a pesquisa bibliográfica, acessando artigos, livros e outros trabalhos acadêmicos, e a pesquisa documental, com busca por conteúdos da internet, análise de acervos televisivos disponíveis no YouTube e o estudo de programas que marcaram a história da comunicação no estado. O grupo avaliou quadros, formatos e mudanças editoriais relevantes, identificando quais registros históricos reforçariam a narrativa audiovisual do produto final.

4.1.4 Busca de Fonte

A busca por fontes atendeu à proposta de registrar múltiplas perspectivas da prática jornalística. O processo envolveu envios de mensagens, ligações, negociações de horários e confirmação de disponibilidade, sempre respeitando os ritmos de trabalho de cada profissional. O contato com as fontes foram organizadas pelas experiências de estágio e contatos adquiridos ao longo das experiências em curso.

O resultado geral da busca foi favorável: 22 das 34 fontes identificadas aceitaram contribuir. Entre as demais, parte declinou do convite por falta de interesse, enquanto outras não retornaram o contato. Apenas uma das 22 entrevistas realizadas acabou não sendo

utilizada posteriormente devido à ausência de assinatura no termo de autorização de uso de imagem.

As entrevistas foram organizadas em um cronograma de execução entre os dias 13 e 22 de outubro, com gravações majoritariamente realizadas na TV Bahia, onde Airton e Matheus possibilitaram o uso de equipamentos e suporte técnico de cinegrafistas da casa. Já as captações externas foram feitas com iPhone 15 Pro Max e lapela, garantindo qualidade de áudio e mobilidade, escolhas alinhadas à estética da proximidade.

A duração média das entrevistas variou entre 20 e 45 minutos, de forma fluída e permitindo que o entrevistado abrangesse os pontos que considerava mais importantes dentro da pautas e o tempo foi suficiente para explorar memórias, análises e percepções pessoais.

O cronograma de gravações, acompanhado do registro das fontes que não puderam participar, está organizado a seguir:

Na segunda-feira (13/10): Andréa Silva (apresentadora da TV Bahia), Ricardo Ishmael (apresentador da TV Bahia) e Carolina Lima (editora de texto da TV Bahia).

Na terça-feira (14/10): Fernanda Martinez (produtora da TV Bahia), Rildo de Jesus (repórter da TV Bahia), Müller Nunes (repórter da TV Bahia) e Adriana Oliveira (ex-TV Bahia).

Na quarta-feira (15/10): Ana Raquel Copetti (diretora de jornalismo da TV Bahia), Ana Manuela (editora de texto da TV Bahia), Fernando Sodake (apresentador da TV Bahia) e Dalton Soares (apresentador da TV Bahia).

Na quinta-feira (16/10): Jéssica Smetak (apresentadora da TV Record Bahia) e João Kalil (comentarista da TV Record Bahia).

Na sexta-feira (17/10): Daniel Teixeira (editor de texto da TV Bahia).

Na segunda-feira (20): Pablo Reis (apresentador da TV Aratu).

Na terça-feira (21): Glauber Mateus (diretor de jornalismo da TV Record) e Casemiro Neto (apresentador da Rádio Metrópole FM).

Por fim, na quarta-feira (22): Dinho Júnior (apresentador da Rádio FM O Dia), Jéssica Senra (apresentadora da TV Bahia), Kátia Guzzo (ex-TV Bahia) e Anna Valéria (ex-TV Bahia).

Entre os profissionais que recusaram a participação estão: Christiano Caldeira (gerente do setor de entretenimento e esportes da TV Bahia), Daniela Prata (ex-Aratu), Driele Veiga (apresentadora da Band Bahia), Evana Marmo (produtora da TV Bahia), Liana Cardoso (jornalista da TV e Rádio Câmara Salvador) e Vanderson Nascimento (apresentador da TV Bahia).

Não foi possível estabelecer contato ou obter retorno de: Analice Sales (ex-Record), Diu Santana (chefe de reportagem da TV Record Bahia), Zé Eduardo (apresentador da Baiana FM e Bnews), Marcos Pimenta (apresentador da TV Record Bahia), Thaícar Carvalho (apresentadora da Rádio Metrópole FM), Uziel Bueno (apresentador da Band Bahia) e Jorge Araújo (apresentador da Band Bahia).

Conseguir reunir 22 entrevistas em um período tão reduzido só se tornou viável graças ao planejamento prévio das pautas, à organização do cronograma e à capacidade da equipe de administrar horários, contornar imprevistos e articular acessos às emissoras.

4.2 Composição do Material Jornalístico

A construção do documentário partiu da necessidade de compreender como o telejornalismo contemporâneo estabelece vínculos com o público, especialmente no contexto baiano, e como essa dinâmica se intensificou ao longo das últimas décadas. Para sustentar essa proposta, textos, imagens e depoimentos foram integrados de modo a equilibrar o rigor informativo com a abordagem interpretativa própria do gênero investigativo.

A partir desse propósito central, o processo de elaboração do material jornalístico exigiu articulação entre teoria e prática, organização das etapas de pesquisa e gravação e atenção constante à unidade narrativa. O produto final foi estruturado em três eixos que se complementam: a contextualização histórica, a análise das estratégias de proximidade adotadas pelo telejornalismo e o estudo do Bahia Meio Dia como telejornal que sintetiza e projeta essas transformações.

Assim, a combinação dos conteúdos textuais, audiovisuais e narrativos não apenas orientou a narrativa documental, mas também assegurou que o percurso investigativo permanecesse coerente com os objetivos iniciais da pesquisa.

4.2.1 Materiais Textuais

Os materiais textuais utilizados no documentário resultaram da combinação entre pautas, roteiro, textos de narração e trechos selecionados das entrevistas. O processo teve início com a produção das pautas, elaboradas logo após a definição das fontes que pretendíamos entrevistar. Ao todo, foram construídas 32 pautas a partir do estudo da trajetória de cada profissional selecionado. A intenção era delimitar previamente a abordagem de cada entrevista, o que também funcionaria como instrumento de convencimento ao apresentar às fontes a solidez do projeto. As pautas completas podem ser consultadas no Apêndice A.

Com todas as pautas prontas, avançamos para a gravação das entrevistas. Após a conclusão dessa etapa, entre os dias 12 e 16 de novembro, o grupo se reuniu para consolidar o roteiro geral e definir a linha narrativa do documentário. Essa linha narrativa foi estruturada a partir da articulação entre os depoimentos das fontes, a narração em off e materiais audiovisuais que contextualizam cada momento da investigação. A perspectiva construída conduz o espectador do telejornalismo tradicional, marcado pela formalidade, até a consolidação de uma linguagem mais próxima, participativa e alinhada ao cotidiano baiano. Essa abordagem evidencia como o telejornalismo local incorporou práticas de proximidade ao longo das últimas décadas, tendo o Bahia Meio Dia como eixo central dessa transformação.

Com o conteúdo gravado, iniciamos o processo de decupagem, fundamental para identificar as falas que sustentariam o fio narrativo. Todas as entrevistas foram transcritas e catalogadas no Pinpoint, ferramenta que permitiu marcar temas centrais, cruzar informações, localizar trechos relevantes e organizar o material de forma coerente. O uso do software foi essencial para garantir alinhamento entre o discurso das fontes, a narrativa do roteiro e os referenciais teóricos do trabalho.

A divisão da decupagem foi feita entre os integrantes: cada pessoa ficou responsável por cinco a seis entrevistas, preenchendo no roteiro a minutagem correspondente ao material analisado. Após essa etapa, Airton revisou todos os textos e encaminhou o roteiro para a

editora de texto da TV Bahia e uma das entrevistadas, Carolina Lima, que realizou uma revisão final.

Paralelamente, desenvolvemos o texto de narração, concebido com tom reflexivo e histórico, equilibrando memórias, análises e elementos que sustentam a compreensão da evolução do telejornalismo baiano. Airton assumiu a direção do roteiro, organizando os principais pontos narrativos. Em 19 de novembro, o narrador do projeto, o jornalista Mauro Anchieta, realizou a gravação dos offs, ajustando trechos conforme o ritmo e a expressividade de sua locução.

Todo esse conjunto: pautas, decupagem, roteiro e texto de narração. Constituiu a base textual do documentário, garantindo fluidez, coerência temática e uma reconstrução crítica da trajetória do telejornalismo de proximidade na Bahia.

4.2.2 Conteúdos Audiovisuais

A composição audiovisual integrou diferentes elementos: imagens de arquivo, gravações originais dos entrevistados, cenas de bastidores, movimentações de redação e registros externos captados com celular. A montagem prioriza ritmo, coerência narrativa e equilíbrio entre depoimentos, ambientações e ilustrações históricas. A escolha da locação busca transmitir o ambiente jornalístico e priorizou a comodidade das fontes. A maioria, Kátia Guzzo e Ana Valéria, não atuam mais na área e optaram por uma cafeteria de escolha delas.

Nesse processo, diversas emissoras foram acionadas para autorização de uso de imagens. Na TV Aratu, após contato com o arquivo, foi informado que poderia haver cobrança para liberação dos materiais. A funcionária responsável explicou que ainda seria necessário consultar o jurídico, mesmo diante do ofício acadêmico. A solicitação incluía reportagens de Zé Bim, edições antigas do Que Venha o Povo e trechos do Se Liga Bocão (sobretudo entre 2008 e 2010). Na Record Bahia, o pedido foi encaminhado pelo supervisor de programação, Alcides Neto, com lista contendo imagens históricas do Balanço Geral dos anos 1990 e 2000, quadros como “Tô Retado, Smetak” e outros trechos fundamentais para contextualizar a evolução editorial. Na Rede Bahia, o diálogo foi direto com a gerente de jornalismo, Sheron Monalisa, para alcançar imagens do Bahia Meio Dia em diferentes épocas e ilustrar a mudança do formato, do quadros “Desaparecidos” e dos parceiros associados.

Como alternativa paralela, o grupo avaliou o uso de registros já disponíveis em plataformas de vídeo, com solicitação de autorização formal das respectivas emissoras. A possibilidade de liberação sem cobrança também foi reforçada pela mediação de Pablo Reis, agilizando parte das tratativas internas.

A trilha foi encorpada com os sobes sons das trilhas e dos quadros dos jornais, trazendo uma imersão auditiva característica do telejornalismo. Além desses elementos, a trilha sonora principal do documentário foi definida após um processo conjunto entre a equipe e o editor Robson Caxias, buscando construir uma ambientação coerente com o ritmo da narrativa e com o tema central do produto. Foram selecionadas músicas de domínio livre disponíveis no YouTube Music — A Year Ago, Instrumental (NEFFEX), Black Slate (VYEN), Good for the Ghost (Alge), Better (Anno Domini Beats), Between the Drops (The Whole Other), Victim to Victor (RKVC) e Summer Somewhere in Cuba (Cumbia Deli). A escolha considerou estética, atmosfera e a capacidade de cada faixa de sustentar momentos específicos da narrativa, reforçando emocionalmente transições, depoimentos e cenas de maior carga reflexiva. Essas trilhas dialogam com o caráter de movimento presente no documentário, oferecendo atmosferas que variam entre tensão, energia, sensibilidade e motivação, acompanhando as oscilações entre trechos históricos, observações críticas e relatos pessoais.

A escolha de Mauro Anchieta como narrador veio da representatividade que sua voz carrega: um profissional emblemático do telejornalismo baiano, com mais de 20 anos de atuação. A presença dele reforça o elo entre passado e atualidade, elemento central do documentário. O processo de narração foi supervisionado pela equipe, seguindo o roteiro previamente estruturado.

Para finalizar a narrativa visual, foram captadas imagens de pessoas se preparando para assistir ao jornal do meio-dia. Sete possibilidades de registros foram feitos, tanto individuais quanto com um núcleo familiar completo, buscando reforçar a ideia de proximidade e o ponto de ligação entre público e telejornal.

A edição ficou por conta do editor Robson Caxias, seguindo o roteiro e as orientações da equipe. Toda a construção do documentário partiu do material organizado pela equipe, enquanto o editor executou a montagem, ajustes de cor, tratamento de áudio e inclusão das

trilhas sonoras. Também foram incorporados os créditos completos, contendo as funções de cada entrevistado e as datas de gravação, garantindo precisão e transparência no processo.

A seleção definitiva das imagens autorizadas, somada ao cuidado na distribuição espacial dos depoimentos, consolidou o princípio central que norteou a construção do documentário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender que o telejornalismo baiano se consolidou por meio de uma linguagem marcada pela proximidade, pela oralidade e por elementos culturais profundamente enraizados no cotidiano das comunidades. Ao investigar a trajetória do Bahia Meio Dia e o impacto do telejornalismo popular na Bahia, constatou-se que a comunicação televisiva local se constitui como espaço de diálogo, reconhecimento e representação, mas também como território de disputas entre o rigor jornalístico e as exigências do mercado.

Os resultados evidenciam que a aproximação com o público, embora essencial para fortalecer vínculos e ampliar o acesso à informação, também gera dilemas éticos quando atravessada por estratégias de emoção, apelo dramático ou espetacularização. Essa tensão é intensificada pela lógica de audiência e pelas dinâmicas digitais, que transformam o telespectador em participante ativo na construção da notícia. Assim, o telejornalismo baiano se encontra diante do desafio permanente de equilibrar prestação de serviço, credibilidade e engajamento, sem abrir mão de sua função pública.

O documentário produzido como parte deste trabalho se revelou uma ferramenta eficaz para aprofundar essas reflexões, permitindo narrar o telejornalismo baiano a partir de vozes, memórias e experiências que compõem sua identidade. A prática documental reforçou a dimensão investigativa e crítica do projeto, ao revelar processos, escolhas e contradições que nem sempre são visíveis na rotina televisiva.

Conclui-se que o telejornalismo baiano permanece como importante mediador cultural e social, contribuindo para a construção de identidades locais e para a participação pública na esfera midiática. Entretanto, seu futuro depende da capacidade de se reinventar de forma ética, crítica e sensível às transformações tecnológicas e às demandas de uma audiência cada vez mais ativa e diversificada. Preservar a proximidade sem perder profundidade e compromisso público é, portanto, o principal caminho para que a televisão baiana continue exercendo seu papel social no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165–196.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BISTANE, Paula; BACELLAR, Andrea. *Televisão e audiência no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *TV e educação: a televisão como recurso didático*. São Paulo: Moderna, 2000.
- BRUZZI, Stella. *New Documentary: A Critical Introduction*. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BUCCI, Eugênio. *O espetáculo do jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CHANDLER, Daniel. *Semiotics: The Basics*. London: Routledge, 2002.
- COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e Poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEUZE, Mark. *What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered*. *Journalism*, v. 6, n. 4, p. 442–464, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. *The Structure of Foreign News*. In: WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 54–65.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HARTLEY, John. *Understanding News*. London: Routledge, 1982.
- NICHOLS, Bill. *Introduction to Documentary*. Berkeley: University of California Press, 2001.
- NICHOLS, Bill. *Introduction to Documentary*. 2. ed. Berkeley: University of California Press,

2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. A poética do documentário. Campinas: Papyrus, 2013.

RENOV, Michael. Toward a Poetics of Documentary. In: RENOV, Michael (org.). Theorizing Documentary. New York: Routledge, 1993. p. 12–36.

ROUCH, Jean. Ciné-ethnography. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

APÊNDICE A - PAUTAS DAS ENTREVISTAS

1) RETRANCA: ENTREVISTA ANDRÉA SILVA

| | |
|---|-----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 13/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA ANDRÉA SILVA |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: ANDRÉA SILVA (APRESENTADORA DA TV BAHIA) A jornalista Andréa Silva é natural de Itabuna. Construiu uma sólida trajetória na TV Bahia, onde atua há 32 anos. Atualmente, apresenta o Bahia Meio Dia, sendo reconhecida pelo vínculo de proximidade que estabelece com o público, valorizando pautas do cotidiano e mantendo uma linguagem acessível. Fora das câmeras, cultiva uma vida simples, como já mostrou em reportagens especiais, o que contribui para reforçar sua imagem de credibilidade e identificação junto aos telespectadores. Ela ganhou grande destaque ao comandar o quadro Desaparecidos, que ia ao ar às quartas-feiras no Bahia Meio Dia. No quadro, Andréa recebia pessoas que levavam fotos de parentes sumidos à Praça da Piedade. Além do Desaparecidos, ela também apresentou o quadro Minha Vida no Buzu, no qual fazia entradas ao vivo dentro de ônibus em Salvador, mostrando o cotidiano de passageiros e funcionários; outro exemplo de sua conexão com a vida comum das pessoas. Hoje ela é apresentadora do BMD, junto a Vanderson Nascimento, mas ainda compartilhando um sentimento de paixão pela rua e trabalho de campo, reforçado por ela mesma, que afirma se sentir mais à vontade nas ruas, em contato com as pessoas. | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: “Dedéa” é uma das grandes referências do telejornalismo baiano, fazendo parte da TV Bahia há mais de 30 anos e tendo vivenciado todas as atualizações decisivas para que a emissora ganhasse um novo direcionamento, mais voltado para o público e hoje ainda mais próximo de quem assiste ao Bahia Meio Dia, hoje apresentado por ela mesma. Vamos explorar essa vivência de quem está há tanto tempo dentro da maior emissora de TV do estado e tem propriedade para dizer por quê a comunicação da televisão hoje caminha a passos largos para algo cada vez menos formal e os impactos desta realidade no futuro.

FONTES: **Andréa Silva** - Apresentadora do Bahia Meio Dia, da TV Bahia.

PERGUNTAS:

- Quando você começou a trabalhar na TV Bahia, havia a preocupação por parte da emissora de fazer um jornalismo que conversasse com a audiência?
- Como era a abordagem ou linguagem do Bahia Meio Dia quando você iniciou sua trajetória como repórter? Quais mudanças você percebeu ao longo desses anos?
- De quem veio a ideia do quadro Desaparecidos e o Minha Vida no Buzu? Como esses quadros colaboraram para que o Bahia Meio Dia estivesse mais próximo das pessoas?
- Observando as outras emissoras e o jornalismo que fazem no mesmo horário do seu programa, quais os diferenciais do Bahia Meio Dia?
- Enquanto uma mulher mais velha que acaba de ocupar um importante lugar no telejornalismo baiano, você acredita que essa maior diversidade de apresentadores e repórteres contribui para uma maior identificação do público com o jornalismo?
- Sabemos que a disputa pela audiência no horário do meio dia é acirrada e que muitos colegas estão dispostos a tudo para conquistar o público. Quais são os limites éticos da jornalista Andrea Silva nessa briga pela audiência?
- Agora sobre futuro; o telejornalismo de proximidade é uma tendência que se manterá no cenário da TV local?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

2) RETRANCA: ENTREVISTA RICARDO ISHMAEL

| | |
|---|--------------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 13/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA RICARDO ISHMAEL |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| <p>HISTÓRICO/SINOPSE: RICARDO ISHMAEL (APRESENTADOR DA TV BAHIA)</p> <p>Ricardo Ishmael é natural de Serrinha, no interior da Bahia, e iniciou sua trajetória profissional na Rede Bahia em 2001, onde começou como estagiário e, ao longo dos anos, passou por diversas funções, como produtor, repórter e editor, até se consolidar como apresentador. Formado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ele também possui formação em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente, é um dos âncoras do Jornal da Manhã, da TV Bahia, programa no qual se destaca pela condução leve e próxima ao público.</p> <p>Além do trabalho na televisão, Ricardo também se dedica à literatura. É autor de obras como O Curioso Destino de Rita Quebra-Cama e livros infantojuvenis inspirados na cultura nordestina, com os quais realiza projetos de incentivo à leitura em escolas e eventos literários. Ao longo da carreira, participou de coberturas de grande relevância, como a canonização de Santa Dulce dos Pobres e produções especiais ligadas à cultura afro-baiana, entre elas o documentário Ilê Aiyê – A Casa do Mundo. Em 2024, recebeu o título de Cidadão de Salvador em reconhecimento à sua contribuição ao jornalismo e à valorização da cultura da Bahia.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Levando em consideração que Ricardo apresenta o Jornal da Manhã desde **2010**, ou seja, a 15 anos; jornal esse que passou por profundas transformações ao longo dos anos até se tornar o produto que é hoje, com quase 3 horas de duração e constante participação do público e realização de pautas sociais, de serviço, ligadas ao interesse da Bahia toda (o JM é o único telejornal da TV Bahia com transmissão regular para todo o estado da Bahia), vamos entender do apresentador a importância desta evolução de um jornal que ele conhece muito bem. A partir disso, Ishmael pode trazer também o impacto desta reformulação do produto matinal da TV Bahia nos outros telejornais, como o próprio Bahia Meio Dia, que às vezes, aos fins de semana, também é apresentado por ele. O BMD também é o que é por causa do Jornal da Manhã, que se moldou a ponto de fazer com que os primeiros telespectadores, das primeiras horas do dia, em preparação para os afazeres iniciais, pudessem consumir um jornal que já o deixasse atento às situações importantes das primeiras horas do dia.

FONTES: Ricardo Ishmael, apresentador da TV Bahia.

PERGUNTAS:

Para você, que apresenta um telejornal que tem muitos quadros de interação com o público e que incentiva essa participação dos telespectadores, qual a importância de se fazer um jornalismo que aproxime vocês do estúdio de quem está em casa assistindo?

Essa abordagem que o jornalismo de proximidade realiza é algo que veio para ficar e crescer? Como você avalia isso?

Como você teve a oportunidade de vivenciar muitas transformações dentro da TV Bahia, como você percebe a interferência da audiência na moldagem dos programas e na escolha de pautas?

Como você observa a disputa pela audiência no telejornalismo baiano e até que ponto ela determinou um reposicionamento dos telejornais da TV Bahia, no sentido de serem cada vez mais “populares” e mais engajados com a população?

Para o jornalista Ricardo Ismael, vale tudo pela audiência?

Como você vê a participação do público no telejornalismo em um futuro próximo?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

3) RETRANCA: ENTREVISTA SODAKE

| | |
|--|-----------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 15/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA SODAKE |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: FERNANDO SODAKE (APRESENTADOR DA TV BAHIA) | |
| <p>Fernando Sodake iniciou sua trajetória na comunicação aos 20 anos, em 1995, quando fez um teste na rádio 96 FM e foi aprovado para apresentar o programa da madrugada. Dois anos depois, ingressou na TV Sudoeste, afiliada à Rede Globo em Vitória da Conquista, onde atuou como locutor, operador de áudio e, posteriormente, repórter, estreando na cobertura das fortes chuvas em Itambé. Em 1998, passou para a TV Santa Cruz, em Itabuna, para apresentar o <i>Bahia Meio Dia</i>, adotando o nome artístico “Fernando Sodake” por sugestão da direção da Rede Bahia. No ano seguinte, assumiu o <i>BATV</i> local, consolidando-se como um dos principais nomes do jornalismo regional.</p> <p>Em 2008, transferiu-se para a TV Bahia, em Salvador, onde integrou a equipe de reportagem e, no ano seguinte, tornou-se apresentador do <i>Bahia Meio Dia</i>, função que exerceu até 2018, quando passou a ancorar o <i>BATV</i> na capital. Entre 2024 e 2025, Sodake ampliou sua atuação na Rede Bahia, estreando o podcast “Eu Te Explico”, no G1 Bahia, e o programa “Boa Noite Bahia”, na rádio Bahia FM, marcando seu retorno ao rádio quase trinta anos depois.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Fernando Sodake terá como foco sua experiência ao longo de mais de duas décadas no telejornalismo da Rede Bahia, especialmente sua passagem pelo Bahia Meio Dia e pelo BATV. O objetivo é compreender como ele percebe as mudanças na linguagem, na linha editorial e na forma de interação dos telejornais com o público ao longo do tempo.

Seu olhar será importante para explicar como o jornalismo da emissora se adaptou às demandas de proximidade, equilíbrio entre informalidade e credibilidade, e à disputa constante por audiência no horário do meio-dia. Também será abordada sua vivência na transição entre diferentes fases do telejornalismo, do modelo mais rígido ao formato atual, mais conversado e espontâneo.

Por fim, Sodake será convidado a comentar os desafios de apresentar e de participar das reformulações que marcaram a evolução recente da TV Bahia, além de sua visão sobre o futuro do telejornalismo local e a influência crescente da tecnologia e das redes sociais na construção da narrativa dos telejornais.

FONTES: Fernando Sodake, apresentador da TV Bahia e radialista da Bahia FM.

PERGUNTAS:

- Como você analisa as transformações pelas quais o telejornalismo local vem passando, que busca cada vez mais estar próximo das pessoas?
- Você começou sua carreira no rádio, construiu repertório na TV e nesse meio seguiu. Hoje retoma os trabalhos novamente com o rádio, em conjunto com a apresentação do BATV. O produto do radiojornalismo é, por essência, mais descontraído, com linguagem direta, que lida com os ouvintes quase que como amigos. Você acha que os produtos de televisão se inspiraram no rádio para diminuir a distância do público com os telejornais?
- Como essa vivência no rádio contribui para sua atuação no telejornalismo diário?
- Você é apresentador do BATV há um bom tempo, mas também assume em certas ocasiões o Bahia Meio Dia, por exemplo. Qual a diferença que você mais nota na maneira de conduzir esses jornais? O que o BMD mais solicita do Sodake?
- O telejornalismo de proximidade veio pra ficar? Como você vê o cenário da TV local no futuro?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

4) RETRANCA: ENTREVISTA RILDO

| | |
|--|----------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 14/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA RILDO |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: RILDO DE JESUS (REPÓRTER DA TV BAHIA) O repórter Rildo de Jesus é conhecido por sua atuação em reportagens de rua na TV Bahia. Seu trabalho é marcado pela proximidade com a comunidade, acompanhando o cotidiano e situações de maior vulnerabilidade. Recentemente, ganhou destaque nacional após ser ameaçado durante uma entrada ao vivo em Salvador, o que expôs os riscos enfrentados por jornalistas que atuam em áreas de conflito. Essa vivência torna sua perspectiva valiosa para compreender os desafios do telejornalismo de proximidade em campo. Rildo é apelidado carinhosamente de “Barrildo de Jesus” e roda as ruas de Salvador com o motolink, captando situações do cotidiano e aproveitando os fatos quentes, recentes, cultivando um contato diário com os moradores de Salvador e Região Metropolitana. É o perfil do “repórter do povo”, que fez crescer a proposta do Motolink, hoje tendência seguida também pelas outras grandes emissoras do estado. | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Rildo de Jesus, conhecido pelo público como Barrildo de Jesus, deve abordar sua trajetória como repórter da TV Bahia e o papel fundamental que ele exerce no telejornalismo de rua da emissora. Reconhecido pela espontaneidade, agilidade e carisma, Rildo é um dos principais rostos do jornalismo factual e comunitário do Bahia Meio Dia, atuando diretamente na cobertura de acontecimentos emergenciais e situações que chegam à redação através da própria audiência.

O enfoque principal deve ser compreender como o trabalho de Rildo traduz, na prática, o conceito de proximidade, tanto pela sua presença constante nas ruas, quanto pela forma como ele se comunica com o público. Sua relação direta com os telespectadores, que frequentemente enviam sugestões de pauta via WhatsApp, transforma o repórter em uma espécie de elo vivo entre a comunidade e o telejornal, aproximando a notícia da realidade cotidiana das pessoas.

A entrevista também pode explorar como ele enxerga o equilíbrio entre o jornalismo popular e o jornalismo de qualidade, e de que forma o repórter de rua precisa adaptar sua linguagem, expressão e postura para falar com diferentes públicos sem perder a credibilidade. É interessante ainda discutir os desafios da mobilidade no telejornalismo, como a rotina intensa de coberturas de última hora e o uso de tecnologias como o motolink, que tornaram as transmissões mais rápidas e dinâmicas.

FONTES: Rildo de Jesus, repórter da TV Bahia.

PERGUNTAS:

- Como surgiu essa ideia do motolink nos telejornais da TV Bahia? Foi uma ideia sua? Qual o objetivo de fazer acontecer essa dinâmica de reportagem?
- Rildo, você tem uma vivência de reportagem que é diferente da tradicional. Roda a cidade com o veículo e vive as pautas mais factuais, pegando as situações “frescas”, no momento em que acontecem. E esse trabalho que você faz é apoiado pelas conversas com as pessoas que você encontra nessas ocasiões. Como esse contato com as pessoas no dia a dia contribui para o seu trabalho?
- Estamos falando de telejornalismo de proximidade, e esse telejornalismo também é feito com uma linguagem menos formal, mais próxima da audiência. Você se enxerga como um profissional que fala a linguagem do povo?
- Falando de riscos agora. Até que ponto esse jornalismo “quente” te deixa exposto a situações de perigo? Conta pra gente as situações mais delicadas pela qual passou no motolink.
- A população identifica em você um porta voz de suas demandas e necessidades? Você é muito abordado nas ruas por populares querendo visibilidade para denúncias e reclamações?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

5) RETRANCA: ENTREVISTA ANA MANUELA

| | |
|---|----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 15/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA ANA MANUELA |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: MANUELA SILVA (EDITORA DE TEXTO DA TV BAHIA E EX PRODUTORA DA TV ARATU) | |
| <p>Ana Manuela de Sousa Simões Silva, conhecida profissionalmente como Manuela Silva, é jornalista, roteirista e professora, com uma trajetória sólida e multifacetada na comunicação baiana. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Unijorge, possui pós-graduação em Roteiro e Programas Audiovisuais e especialização em Docência e Gestão do Ensino Superior. Desde cedo, construiu uma carreira marcada pela versatilidade, transitando entre rádio, televisão, produção cultural e docência.</p> <p>Antes de ingressar na TV Bahia, Manuela passou por diversas emissoras e instituições, acumulando experiência em todas as etapas da produção jornalística, da reportagem à coordenação de pautas. Atuou na TV Aratu/SBT, onde foi produtora, editora e coordenadora do Que Venha o Povo, além de participar da criação e execução de coberturas de grandes eventos como o Carnaval de Salvador e o Arraiá do Galinho. Também lecionou disciplinas ligadas ao jornalismo e à comunicação em instituições como UNIRB e ETEBA, colaborando na formação de novos profissionais.</p> <p>Desde 2019, faz parte da equipe da TV Bahia, onde exerce papel essencial como editora de texto e coordenadora de vivo nos principais telejornais da casa, Jornal da Manhã, Bahia Meio Dia, BATV e Bom Dia Sábado. Sua atuação contribui diretamente para o equilíbrio entre informação de qualidade e uma linguagem próxima, marcas do jornalismo praticado pela emissora. Com mais de 15 anos de experiência, Manuela se consolidou como uma profissional que une técnica, sensibilidade e domínio narrativo, sendo uma das referências femininas na atual geração do jornalismo televisivo baiano.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Manuela Silva deve explorar sua trajetória profissional, destacando as experiências que a consolidaram como uma das principais editoras e coordenadoras do jornalismo baiano. O objetivo é compreender, a partir de seu olhar de bastidor, como se constrói a proximidade na prática do telejornalismo, especialmente nas etapas de edição, apuração e planejamento das reportagens.

É importante que a conversa destaque o papel da edição de texto e da coordenação de vivo como elementos fundamentais para a fluidez e a naturalidade que o público percebe na tela. Manuela pode revelar como o Bahia Meio Dia e o Jornal da Manhã passaram por um processo de transformação interna, adotando uma linguagem mais leve, participativa e próxima da realidade do público baiano.

Outros pontos que podem ser abordados incluem:

- Os bastidores do processo de construção de um telejornal dinâmico e interativo;
- A importância do trabalho coletivo entre repórteres, produtores e editores para manter o ritmo e a coerência das edições;
- Os desafios da coordenação de vivo e da cobertura factual em tempo real;
- Como a presença das redes sociais e o contato direto com o público influenciam as pautas e a linguagem dos telejornais;
- O papel da mulher na estrutura de liderança e criação do jornalismo televisivo local;
- A visão de Manuela sobre o futuro do telejornalismo baiano, diante das novas formas de consumo de conteúdo e da convergência digital.

FONTES: Manuela Silva, editora de texto da TV Bahia.

PERGUNTAS:

O que você entende como jornalismo de proximidade?

Como o trabalho da edição de texto colabora para que o telejornalismo converse mais com o público? Você se preocupa em trazer essa conexão na linguagem para quem assiste os telejornais?

Você tem experiência em produções, edições e até coordenação de produtos populares ao longo da sua carreira. Na TV Aratu, principalmente, com o QVP. Como eram os bastidores de produção desse telejornal? Como se pensava esse telejornal? A proximidade com o público era o grande foco do programa?

Sabemos que a disputa pela audiência no horário do meio dia é acirrada e que muitos colegas estão dispostos a tudo para conquistar o público. Quais são os limites éticos da jornalista Manuela Silva nessa briga pela audiência?

O que um editor precisa fazer para tornar a comunicação no telejornalismo mais acessível e com a cara da região daquele produto, em nosso caso, a Bahia?

Como você enxerga que será o futuro do telejornalismo baiano, em relação à aproximação e interação com o público?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

6) RETRANCA: ENTREVISTA MÜLLER

| | |
|--|-----------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 14/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA MÜLLER |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: MÜLLER NUNES (REPÓRTER DA TV BAHIA) Müller Nunes, repórter da TV Bahia, é graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Com experiência em produção e reportagens ao vivo, já abordou temas sociais relevantes, como o racismo, incluindo participação em projetos como Conversa Preta, exibido pela Rede Bahia. Sua trajetória o destaca como um profissional atento às questões identitárias e de diversidade, contribuindo para ampliar a representatividade no jornalismo local. Muller atualmente é reconhecido como um repórter destaque no cenário do telejornalismo baiano, pelo direcionamento e linguagem próxima do povo. | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Müller Nunes deve destacar sua trajetória como repórter da TV Bahia e a forma como ele representa, diante das câmeras, o conceito de telejornalismo de proximidade que norteia o documentário. O objetivo é compreender como ele constroi, na prática, uma comunicação empática, acessível e espontânea com o público, transformando suas entradas e reportagens em momentos de identificação e diálogo com quem assiste.

É importante explorar de que maneira Müller entende o papel do repórter de rua no contexto atual da televisão baiana, um profissional que não apenas informa, mas também traduz o sentimento popular, reage aos acontecimentos em tempo real e dá voz às pessoas comuns. O Bahia Meio Dia é o espaço onde esse tipo de jornalismo se expressa com mais força, e Müller, como um de seus principais repórteres, vivencia cotidianamente a missão de tornar o jornal mais humano, leve e participativo.

A entrevista pode abordar também o impacto da linguagem e da performance do repórter nesse processo de aproximação: como ele utiliza o humor, a informalidade e a escuta para criar empatia; e como adapta seu tom e seu ritmo à realidade da rua, muitas vezes imprevisível e diversa.

FONTES: Müller Nunes, repórter da TV Bahia.

PERGUNTAS:

- Quais são os maiores desafios de viver o jornalismo de rua? E como o repórter pode tornar a notícia mais próxima das pessoas?
- O telejornalismo noticia casos delicados e difíceis e você, como repórter, vivencia essa realidade diariamente. Como lidar com as emoções das fontes entrevistadas mantendo o profissionalismo e a qualidade da cobertura jornalística sem deixar de se solidarizar com a vulnerabilidade do outro? E qual o limite da exposição do sofrimento alheio, na sua opinião?
- Você acredita que fazer um jornalismo humano e ético, credibiliza o seu trabalho e o trabalho da emissora junto ao público?
- Partindo para as pautas de entretenimento e comportamento, aquelas mais leves, qual a importância destas coberturas para aproximar o jornalismo do cotidiano do povo baiano, seja cobrindo festas, manifestações culturais ou a vida nas ruas da cidade?
- Os telejornais de grande visibilidade local constantemente ganham foco em páginas de humor nas redes sociais, que levam cortes de situações inusitadas para diversão do público. Essa interação de TV e rede social é um bom caminho para estreitar essa relação da audiência com os produtos de TV? Como você vê essa convergência entre Televisão e redes sociais?
- Como a concorrência pauta ou influencia o seu trabalho na emissora hoje?
- Pra você, o que é ser um bom repórter hoje?
- E para fechar: vale tudo pela audiência no telejornalismo?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

7) RETRANCA: ENTREVISTA FERNANDA

| | |
|---|----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 14/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA FERNANDA |
| REPÓRTER: AIRTON | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: FERNANDA MARTINEZ (PRODUTORA DA TV BAHIA) <p>Fernanda Martinez é produtora de jornalismo da TV Bahia e um dos nomes mais atuantes na cobertura factual, policial e investigativa da emissora. Iniciou sua trajetória na comunicação em 2013, na TV Aratu/SBT, onde passou por diversas funções: começou como estagiária, foi promovida a pauteira, produtora e chegou à coordenação de pautas. Durante esse período, teve participação direta na produção de programas populares como Que Venha o Povo, coordenando o quadro “Bronca do Casé”, além de criar quadros de sucesso como “Por Onde Anda” e “Vinte Conto”. Também deu suporte aos programas Na Mira e Ronda, consolidando experiência em pautas de segurança pública e factuais.</p> <p>Entre 2014 e 2016, integrou a equipe da TVE e da Rádio Educadora FM como repórter e produtora, atuando em coberturas culturais e jornalísticas de serviço. Em 2021, ingressou na TV Bahia, onde é atualmente uma das principais responsáveis pela produção de pautas do Jornal da Manhã e do Bahia Meio Dia. É ela quem inicia o fluxo de notícias do dia, alimentando as pautas factuais e garantindo agilidade à redação. Entre seus trabalhos de destaque, estão as séries especiais Linha de Guerra (sobre a atuação das forças de segurança), 200 Anos PM (sobre a história da Polícia Militar) e reportagens sobre falhas no sistema prisional baiano. Fernanda é reconhecida pela dedicação e precisão na apuração, sendo considerada uma das produtoras mais completas do jornalismo baiano contemporâneo.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista deve destacar sua experiência profissional no jornalismo baiano como produtora de jornalismo, atualmente na TV Bahia. O objetivo é compreender como sua experiência com programas de apelo popular, como Que Venha o Povo, Na Mira e Ronda, influenciou sua atuação atual em telejornais de perfil mais informativo, como o Jornal da Manhã e o Bahia Meio Dia.

Fernanda é uma personagem fundamental para abordar o tema da proximidade e do serviço no telejornalismo local, já que atua diretamente na apuração e definição das pautas que refletem o cotidiano do público. Seu olhar é o primeiro filtro das notícias que chegam à redação, seja por meio das fontes policiais, de líderes comunitários ou das mensagens enviadas pelo público via WhatsApp. Essa dinâmica ilustra como a audiência participa ativamente do processo de construção da notícia.

Além disso, a entrevista deve explorar a forma como Fernanda enxerga a relação entre o jornalismo de rua e o de redação, e como a velocidade e o factual moldam a rotina dos profissionais que trabalham antes mesmo do nascer do sol. É importante que ela reflita também sobre o equilíbrio entre o rigor jornalístico e a linguagem próxima do público, algo que ela vivenciou tanto em programas populares quanto em telejornais mais institucionais.

Outros pontos a abordar incluem:

- Como a experiência em programas populares influenciou seu olhar jornalístico atual;
- O papel das redes sociais e da interação com o público na definição de pautas;
- O desafio de manter a precisão e a empatia no jornalismo policial;
- A importância do trabalho de bastidor e da equipe de produção na construção da credibilidade dos telejornais;
- O que significa, na visão de Fernanda, “fazer jornalismo de proximidade” na prática diária.

FONTES: Fernanda Martinez, produtora da TV Bahia

PERGUNTAS:

- Você foi produtora do “Que Venha o Povo” (QVP), apresentado por Casemiro Neto e que tinha um formato especialmente popular, sendo essa a essência do programa. Como era a construção de um produto que priorizava as pautas para o povo, que construía a proximidade com o telespectador?
- Como a sua experiência em programas populares influenciou seu olhar jornalístico atual?
- O Na Mira tinha uma linguagem muito mais solta do que no telejornalismo profissional, e tinha o jornalismo policial como base. Até que ponto o trabalho feito na produção desse jornal buscava ser próximo da audiência, mesmo com conteúdos mais fortes?
- Hoje, como produtora de factual, como você enxerga a importância do jornalismo de proximidade, conectado com o público, na apuração das notícias? Você que usa, por exemplo, as mensagens em grupos de WhatsApp e do WhatsApp da TV, que muitas vezes são caminhos para se achar uma boa notícia.
- Saindo da produção de telejornais que de certa forma inspiraram, nos últimos anos, o produto Bahia Meio Dia a ser mais próximo da realidade local, como você enxerga a transformação do telejornal do almoço da TV Bahia?
- Fernanda, você já faz parte há muito tempo da produção de telejornais jornais que noticiam “aquilo que o público quer ver”, de assuntos mais quentes, com cobertura policial que apela para a audiência. Você acredita que esse tipo de notícia molda o funcionamento dos principais telejornais da atualidade na Bahia?
- Até que ponto a disputa pela audiência é decisiva na escolha e produção das pautas jornalísticas?
- Você tem lembranças de ligações difíceis que já precisou fazer à procura da notícia?
- Como você lida com o desafio de equilibrar a precisão jornalística e a empatia em pautas policiais?
- Para a jornalista Fernanda, vale tudo pela audiência? Quais são seus limites éticos e profissionais?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

8) RETRANCA: ENTREVISTA ANA RAQUEL

| | |
|---|---------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 15/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA ANA RAQUEL |
| REPÓRTER: AIRTON E MATHEUS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: ANA RAQUEL COPETTI (DIRETORA DE JORNALISMO DA TV BAHIA) | |
| <p>Ana Raquel Copetti é jornalista e atual diretora de jornalismo da TV Bahia, afiliada da Rede Globo em Salvador. Natural do Rio Grande do Sul, construiu uma carreira sólida dentro do jornalismo televisivo, marcada pela versatilidade e pela capacidade de liderança em redações. Antes de chegar à Bahia, atuou em diferentes veículos de comunicação no Sul do país, desempenhando funções que vão desde a reportagem até a coordenação editorial. Sua trajetória inclui passagens por emissoras do Grupo RBS, onde adquiriu experiência em gestão de equipes, planejamento de conteúdo e produção de telejornais regionais.</p> <p>Em 2018, Ana Raquel assumiu o comando do núcleo de jornalismo da TV Bahia, momento em que a emissora iniciava um processo de reformulação profunda, tanto estética quanto editorial. Desde então, tem liderado transformações significativas na forma de fazer jornalismo local, promovendo maior aproximação com o público e incentivando a presença de novas vozes, sotaques e rostos na tela. Sob sua gestão, telejornais como o Bahia Meio Dia e o Jornal da Manhã passaram a adotar uma linguagem mais leve, inclusiva e representativa da identidade baiana.</p> <p>Reconhecida por seu olhar estratégico e sensibilidade para compreender o público local, Ana Raquel Copetti tornou-se uma das principais referências no atual momento do telejornalismo baiano.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: A entrevista com Ana Raquel deve explorar a visão de gestão e os bastidores das transformações editoriais e estruturais da TV Bahia nos últimos anos, com foco especial no Bahia Meio Dia e em como o telejornal se tornou símbolo da nova fase do telejornalismo local. É importante abordar como a emissora tem equilibrado o compromisso com o padrão Globo de qualidade e a valorização das características locais da Bahia, sua linguagem, identidade e diversidade cultural.

Outros pontos relevantes para abordar incluem:

- As estratégias que aproximam os telejornais da TV Bahia do público;
- O papel dos apresentadores e repórteres na construção dessa identidade de proximidade;
- A importância de projetos como os Parceiros do BMD para formação de novos profissionais e conexão com as comunidades;
- A inclusão e representatividade racial no jornalismo baiano;
- A visão de futuro da TV local frente aos desafios das redes sociais, da interatividade e das novas formas de consumo de informação audiovisual.

FONTES: Ana Raquel Copetti, diretora de jornalismo da TV Bahia.

PERGUNTAS:

- Desde que você entrou na TV Bahia, uma série de mudanças aconteceram no núcleo de jornalismo e nos principais telejornais da casa. Hoje a TV Bahia é uma emissora mais próxima da população baiana?
- Uma das coisas mais legais de observar na TV Bahia é a representatividade da equipe que trabalha na emissora, especialmente frente às câmeras. São vários profissionais pretos, desde a reportagem até a apresentação. Quanto essa transformação ajudou a reposicionar a emissora junto à opinião pública sobre temas como representatividade e diversidade?
- Essa diversidade nas equipes é um elemento estratégico de aproximação e identificação com a audiência?
- Como o desempenho da concorrência interfere em decisões como escolhas de pauta, abordagem dos temas e tempo de exibição de pautas?
- Como o monitoramento da audiência interfere na linha editorial do Bahia Meio Dia?
- Na sua opinião, vale tudo pela audiência? Quais são os limites editoriais da TV Bahia nessa disputa pela audiência?
- Quais os maiores desafios que você encara hoje no jornalismo de televisão?
- Tendo passado por outras realidades de televisão, inclusive aqui mesmo na Bahia, você sente que o telejornalismo local segue uma tendência de formato pautado na identificação e interação com o público?
- Na sua visão, o chamado telejornalismo de proximidade é um fenômeno nacional ou mais fomentado aqui na Bahia?
- O que podemos esperar do telejornalismo baiano para o futuro?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

9) RETRANCA: ENTREVISTA DALTON

| | |
|---|--------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 15/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA DALTON |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |

HISTÓRICO/SINOPSE: DALTON SOARES (APRESENTADOR DA TV BAHIA)

Dalton Soares é jornalista formado em 1996 pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Com uma trajetória consolidada no telejornalismo, Dalton exerceu diversas funções ao longo de sua carreira, atuando como produtor, repórter, editor e apresentador. Destacou-se, especialmente, na apresentação do extinto programa Rede Bahia Revista, veiculado aos domingos, logo após o programa Fantástico, da Rede Globo. Com uma proposta de abordar temas variados, o programa alcançou grande repercussão e chegou a liderar a audiência em seu horário. Dalton foi o último apresentador da atração.

Com o encerramento do Rede Bahia Revista, o jornalista passou a integrar a equipe de reportagem dos telejornais da TV Bahia. Ganhou destaque com o quadro Panela de Bairro, exibido no Bahia Meio Dia, o qual conquistou expressiva audiência. Em 2025, devido ao sucesso do quadro, a emissora optou por transformá-lo em um programa fixo na grade de sábado da Rede Bahia.

Natural do estado de São Paulo, Dalton chegou à Bahia em 2006. Em entrevistas, ele relata os desafios e aprendizados em sua adaptação à cultura local, destacando a importância de estar próximo da realidade do público: “Alguns conselhos: vá para a rua, não para o shopping. Almoce no boteco da esquina, não na praça de alimentação. É importante entrar no universo que vai ser a matéria-prima do nosso trabalho: conhecer o povo, seu jeito de falar, as particularidades que formaram o amálgama das pessoas com quem vai conviver”.

Antes de sua atuação na TV Bahia, Dalton acumulou passagens por diversas emissoras do interior paulista, incluindo o SBT (Campinas), a Record (São José do Rio Preto) e a EPTV (São Carlos), construindo uma carreira marcada pela versatilidade e conexão com o público.

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

Com uma trajetória profissional marcada pela versatilidade, transitando entre o entretenimento e o jornalismo, e posteriormente retornando ao entretenimento, Dalton Soares oferecerá uma contribuição valiosa à pesquisa ao compartilhar sua experiência sobre como exercer o jornalismo de proximidade em diferentes formatos e contextos jornalísticos. Sua abordagem prática, construída ao longo de anos de atuação em programas variados e com diferentes públicos, permitirá uma análise aprofundada das estratégias de comunicação utilizadas para estabelecer vínculos genuínos com o telespectador, especialmente no cenário regional.

FONTES: Dalton Soares**PERGUNTAS:**

- Como surgiu a ideia do quadro *Panela de Bairro* e como ele evoluiu para um programa?
- Você avalia que o jornalismo que você faz pode ser chamado de jornalismo de proximidade?
- Você já atuou como produtor, repórter, editor e apresentador. Como essas experiências diversas contribuíram para sua visão sobre o papel do jornalista na construção de uma comunicação próxima do público? Na sua opinião, o que faz do *Panela de Bairro* um programa que caiu no gosto do público?
- Quais estratégias você utiliza para estabelecer vínculos genuínos com o telespectador?
- Você considera o *Panela de Bairro* um programa de jornalismo regional? Porque?
- Quais estratégias adota para gerar identificação e confiança das fontes durante as reportagens?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA**Local - TV Bahia****Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira****Equipamento - iPhone 15 Pro Max**

10) RETRANCA: ENTREVISTA JÉSSICA SENRA

| | |
|--|------------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 22/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA JÉSSICA SENRA |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: JÉSSICA SENRA (APRESENTADORA DA TV BAHIA) | |
| <p>Jéssica Senra é jornalista, apresentadora e uma das principais referências do telejornalismo baiano contemporâneo. Nascida em Salvador, iniciou sua trajetória na televisão na Band Bahia, onde começou a construir o estilo comunicativo que se tornaria sua marca: leve, empático e voltado à escuta do público. Ganhou projeção regional como apresentadora da Record TV Itapoan, onde comandou o Bahia no Ar e se consolidou como um dos rostos mais populares e influentes da TV baiana.</p> <p>Em 2018, Jéssica foi contratada pela TV Bahia, afiliada da Rede Globo, para apresentar o Bahia Meio Dia. Sua chegada marcou uma virada histórica na linha editorial da emissora, que passou a apostar em uma linguagem mais próxima, humana e representativa da identidade baiana. Desde então, Jéssica se tornou o principal símbolo dessa nova fase do telejornalismo local, combinando rigor informativo, naturalidade e carisma.</p> <p>Além da televisão, Jéssica Senra tem presença ativa nas redes sociais, onde amplia o diálogo com o público e aborda temas sociais, de cidadania e empoderamento feminino, reforçando o papel do jornalista como mediador entre a informação e a sociedade. Sua trajetória representa o equilíbrio entre credibilidade e proximidade, pilares que redefiniram o telejornalismo da TV Bahia no século XXI.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Jéssica Senra deve explorar sua trajetória na televisão e o impacto da sua chegada à TV Bahia como marco de transformação do Bahia Meio Dia e, conseqüentemente, do telejornalismo baiano. O objetivo é compreender como ela ajudou a consolidar um formato de jornalismo mais afetivo, participativo e conectado às realidades da população, sem abrir mão da credibilidade e da responsabilidade editorial.

A conversa deve abordar como Jéssica enxerga o papel do apresentador como elo entre o público e a notícia, e de que maneira a empatia, a naturalidade e a escuta se tornaram estratégias de comunicação essenciais para o jornalismo contemporâneo. Também vale destacar o equilíbrio entre o jornalismo popular e o jornalismo de qualidade, um desafio constante em um contexto de concorrência acirrada e audiência participativa.

Outros pontos que podem ser explorados:

- Como ela avalia a evolução do Bahia Meio Dia desde sua chegada à TV Bahia;
- As diferenças entre o estilo de telejornalismo praticado na Record e na TV Bahia;
- O papel das redes sociais na relação entre apresentador e público;
- A importância da representatividade e da presença feminina no telejornalismo;
- O impacto das mudanças na linguagem televisiva para atrair novos públicos;
- Sua visão sobre o futuro da televisão e do jornalismo de proximidade na Bahia.

FONTES: Jéssica Senra

PERGUNTAS:

- Seu estilo sempre foi marcado pela empatia e pela escuta do público. Como você desenvolveu essa forma mais próxima de se comunicar com quem está assistindo?
- O que te motivou a aceitar o convite da TV Bahia em 2018, e como você enxerga o impacto da sua chegada no Bahia Meio Dia?
- A sua entrada na TV Bahia é vista como um marco de transformação no telejornalismo local. Como foi esse processo de mudança na linha editorial do Bahia Meio Dia?
- Que desafios você enfrentou para equilibrar a proximidade com o público e a manutenção da credibilidade jornalística?
- Na sua opinião, como o jornalismo baiano se diferencia do que é feito em outras regiões do país?
- O que significa, para você, fazer um telejornalismo de proximidade?
- Você sente que o público baiano se identifica mais com esse formato de jornalismo mais descontraído e participativo?
- Na sua experiência, quais são os limites entre informar, emocionar e entreter?
- Você ficou conhecida por ser uma apresentadora que emitia opiniões, principalmente sobre pautas que envolviam a violência contra a mulher. Essa foi um pedido da direção ou essa postura partiu de você e sua identificação com o tema? Você acredita que isso aumentou sua popularidade junto ao público?
- Como você avalia a evolução do Bahia Meio Dia desde sua chegada até hoje?
- Você, como apresentadora, sentia a pressão da briga pela audiência no horário do meio dia? Como isso afetava seu trabalho?
- E por fim: que conselho você daria a jovens jornalistas que desejam fazer um jornalismo mais próximo da realidade das pessoas?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:**Local - TV Bahia****Entrevistadores - Airton São Pedro, Douglas Dórea e Matheus Pedreira****Equipamento - iPhone 15 Pro Max****11) RETRANCA: ENTREVISTA DANIEL TEIXEIRA**

| | |
|--|--------------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 17/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA DANIEL TEIXEIRA |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| <p>HISTÓRICO/SINOPSE: DANIEL TEIXEIRA (EDITOR DE TEXTO E COORDENADOR DE AO VIVO DA TV BAHIA E EX EDITOR DE TEXTO DA ARATU E DA BAND)</p> <p>Daniel Carvalho Teixeira é jornalista e editor de vídeo, com uma trajetória marcada pela versatilidade e experiência em diferentes emissoras da televisão baiana. Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), iniciou sua carreira ainda nos anos 2000, atuando em diversas frentes da produção audiovisual. Passou pela Rede Bandeirantes de Televisão, onde trabalhou na edição de texto e vídeo de programas como Jogo Aberto Bahia, Os Donos da Bola, Brasil Urgente e Band Cidade, ganhando familiaridade com o jornalismo dinâmico e de forte apelo popular.</p> <p>Entre 2014 e 2021, integrou a equipe da TV Aratu/SBT Bahia, participando da produção e edição de programas como Que Venha o Povo, Ronda e Aratu Notícias, o que consolidou sua experiência em jornalismo de serviço e conteúdo comunitário. Em 2021, Daniel ingressou na Rede Bahia, onde se tornou editor de texto e coordenador de links ao vivo dos principais telejornais da casa, Jornal da Manhã, Bahia Meio Dia, BATV e Bom Dia Sábado.</p> <p>Na TV Bahia, Daniel é responsável por coordenar o ao vivo do Bahia Meio Dia, papel central para garantir agilidade, fluidez e coerência na cobertura de fatos em tempo real. Sua atuação combina o olhar técnico e narrativo do editor com a sensibilidade jornalística de quem conhece o ritmo e a linguagem da televisão popular. Ao longo dos anos, tornou-se referência no bastidor do jornalismo baiano, sendo peça-chave na consolidação do Bahia Meio Dia como o telejornal mais representativo da TV local no horário do almoço.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Daniel Teixeira deve explorar sua trajetória profissional e sua vivência direta com a produção ao vivo dos telejornais baianos, especialmente o Bahia Meio Dia. O objetivo é compreender como o jornalismo de proximidade se materializa no processo de coordenação e edição em tempo real, e de que forma o bastidor do ao vivo contribui para a sensação de espontaneidade e conexão com o público.

Daniel pode explicar como a equipe lida com o desafio de conciliar agilidade, precisão e leveza em uma grade que depende do tempo e da resposta imediata dos repórteres e apresentadores. A entrevista também deve evidenciar como ele enxerga as mudanças editoriais da TV Bahia nos últimos anos, o impacto da interação com o público (via redes sociais e WhatsApp) nas decisões de pauta e o papel do coordenador de vivo como “cérebro da operação” que mantém o telejornal no ar de forma dinâmica e organizada.

Outros pontos importantes a abordar:

- Como é o processo de tomada de decisão durante o ao vivo e a relação com os repórteres e apresentadores;
- O que mudou na dinâmica de um telejornal como o Bahia Meio Dia desde que ele passou a coordenar o vivo;
- A influência da audiência e do retorno imediato do público nas escolhas editoriais;
- O impacto das novas tecnologias e das redes sociais na rotina da redação;
- O equilíbrio entre o jornalismo de serviço, o factual e o conteúdo leve;
- A importância da experiência adquirida em emissoras de diferentes perfis (como Band e Aratu) para o estilo de telejornalismo que ele pratica hoje.

FONTES: Daniel Teixeira, editor de texto da TV Bahia

PERGUNTAS:

- O que você acredita ser o jornalismo de proximidade?
- A coordenação de ao vivo é um desafio que pede muito controle sobre tudo que está acontecendo. Você acredita que a evolução do telejornalismo local, que se tornou mais dinâmico, interativo e solto, demanda ainda mais de quem está lidando, nos bastidores, com as entradas dos repórteres e demais atribuições de um telejornal?
- Ao longo desses anos, tendo passado por outras emissoras até chegar à TV Bahia, você acredita que programas populares, como o Que Venha o Povo, Ronda, Jogo Aberto, os quais você fez parte, ajudaram a remodelar e atualizar ainda mais a forma de se fazer telejornalismo na Bahia?
- O que vale mais: informar com qualidade e precisão alguma situação ao público, ou informar e também se conectar, se comunicar?
- Você acha que pela audiência, vale tudo?
- Sabemos que a disputa pela audiência no horário do meio dia é acirrada e que muitos colegas estão dispostos a tudo para conquistar o público. Quais são os limites éticos do jornalista Daniel Teixeira nessa briga pela audiência?
- A participação constante do público nos telejornais da casa, especialmente nos produtos iniciais, como JM e BMD, é uma tendência válida e que deve ser ainda mais constante, ao seu ver?
- Falando de proximidade, conte sobre a dinâmica de um ao vivo, e de uma história engraçada, que viralizou, a qual você vivenciou, no ao vivo do Patati e Patatá.

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:**Local - TV Bahia****Entrevistador - Airton São Pedro****Equipamento - iPhone 15 Pro Max**

12) RETRANCA: ENTREVISTA ANNA VALÉRIA

| | |
|---|-----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 22/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA ANNA VALÉRIA |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: ANA VALÉRIA (EX REPÓRTER DA TV BAHIA) <p>Com uma trajetória de 39 anos na televisão baiana, Anna Valéria consolidou-se como uma das jornalistas mais reconhecidas do estado. Iniciou sua carreira profissional ainda antes de ingressar no curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atuando na TV Aratu. Após sua formação acadêmica, ampliou sua atuação no jornalismo televisivo, passando por diferentes emissoras e exercendo múltiplas funções na produção de conteúdo jornalístico.</p> <p>Durante sua passagem pela TV Itapoan, Anna Valéria apresentou o programa “Poder Jovem”, voltado para o público jovem da época. Posteriormente, integrou a equipe da TV Bahia, onde desempenhou papéis fundamentais como repórter, apresentadora e editora-chefe. Entre os programas que conduziu na emissora, destacam-se o <i>Bahia Revista</i> e o <i>Bahia Meio Dia</i> — telejornal em que, inclusive, foi responsável por anunciar ao público o falecimento de Irmã Dulce, uma das figuras religiosas mais importantes da Bahia e do Brasil.</p> <p>A versatilidade de Anna Valéria, aliada à sua longa experiência e credibilidade junto ao público, consolidou sua relevância no cenário jornalístico baiano, tornando-a referência para futuras gerações de profissionais da comunicação.</p> | |

ENFOQUE/ENC AMINHAMENTO:

Com quase quatro décadas de atuação na televisão, Anna Valéria reúne um vasto repertório de experiências e conhecimentos que serão explorados ao longo da entrevista. Ao longo de sua carreira, transitou entre diferentes formatos, desde o entretenimento até o jornalismo informativo, vivenciando, de forma direta, as transformações nos modos de produção e veiculação das notícias.

Nesse contexto, a jornalista refletirá sobre as mudanças ocorridas no exercício da profissão, com ênfase na evolução do chamado “jornalismo de proximidade”. A partir de sua vivência, será possível compreender as diferenças entre a abordagem jornalística adotada no início de sua trajetória e aquela praticada nos últimos anos em que esteve em atividade, contribuindo, assim, para um entendimento mais amplo sobre as transformações nas práticas jornalísticas ao longo do tempo.

FONTES: Anna Valéria**PERGUNTAS:**

- Quando você começou a trabalhar com jornalismo na Televisão, já havia essa preocupação por parte das emissoras de fazer um jornalismo que conversasse com a audiência?
- Como era a abordagem, a linguagem usada e a postura de apresentadores e repórteres no telejornalismo quando você começou na carreira?
- Quais mudanças você percebeu ao longo desses anos?
- Por que você acha que o telejornalismo mudou tanto nos últimos 20 anos?
- Quais foram as coberturas ou momentos mais marcantes da sua trajetória em que você percebeu que conseguiu alcançar um vínculo emocional ou de identificação com o público?
- Sabemos que a disputa pela audiência é um fator que interfere diretamente nos telejornais. Como era esse monitoramento da audiência e como você percebia essa interferência no seu dia a dia como repórter?
- Você acha que essa pressão pela audiência está mais acirrada no jornalismo hoje?
- Você conviveu com colegas de profissão que estavam dispostos a tudo para conquistar audiência?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - Espaço Latitude 13 Cafés Especiais

Entrevistadores - Airton São Pedro, Matheus Pedreira e Douglas Dórea

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

13) RETRANCA: ENTREVISTA CAROLINA LIMA

| | |
|--|------------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 13/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA CAROLINA LIMA |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: CAROLINA LIMA (EDITORA DE TEXTO DA TV BAHIA E EX REPÓRTER E APRESENTADORA DA RECORD) | |
| <p>Natural de Itabuna, no estado da Bahia, Carolina Lima é jornalista formada em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Com uma carreira consolidada no telejornalismo baiano, Carolina passou por diversas emissoras importantes do estado, acumulando experiências como repórter, apresentadora e editora de texto.</p> <p>Iniciou sua trajetória televisiva em 2002, como apresentadora do Cabrália Notícias, na RecordTV Cabrália, função que desempenhou até 2007. No mesmo período, em 2006, ingressou na Record Bahia (TV Itapoan), onde atuou como repórter e apresentadora do Esporte Record até 2007.</p> <p>Entre 2007 e 2012, Carolina ganhou projeção estadual ao assumir a apresentação do Bahia Record, telejornal local da TV Itapoan, tornando-se um dos rostos mais conhecidos do jornalismo regional. Simultaneamente, foi apresentadora do Record News Nordeste (2007–2009 e novamente entre 2010–2012) e atuou como apresentadora eventual de programas nacionais, como o Fala Brasil e o Record Notícias.</p> <p>Após sua saída da Record Bahia em 2014, Carolina migrou para a Band Bahia, onde atuou como repórter e, posteriormente, como apresentadora do Band Cidade em 2015.</p> <p>Atualmente, Carolina Lima integra a equipe da TV Bahia, afiliada da Rede Globo, onde exerce a função de editora de texto do quadro "Vai pra Onde?", exibido no Bahia Meio Dia e apresentado por Vanderson Nascimento. Sua atuação atual reforça sua versatilidade e capacidade de adaptação em diferentes formatos jornalísticos.</p> | |

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

A entrevista com Carolina Lima busca compreender como sua trajetória multifacetada no telejornalismo baiano, passando por diferentes emissoras, linguagens e formatos, contribuiu para a consolidação de uma prática jornalística versátil e comprometida com a informação de interesse público. A conversa pretende ainda explorar sua visão sobre o papel do jornalismo de proximidade, a adaptação às mudanças no fazer jornalístico ao longo dos anos e a importância da linguagem acessível na comunicação televisiva regional.

FONTES: Carolina Lima

PERGUNTAS:

- Você avalia que o jornalismo que você faz pode ser chamado de jornalismo de proximidade?
- Você já atuou como repórter, apresentadora e, agora, editora. Como essas experiências diversas contribuíram para sua visão sobre o papel do jornalista na construção de uma comunicação próxima do público? Na sua opinião, o que faz do *Vai pra onde* um quadro que caiu no gosto do público?
- Para quem assiste o quadro *Vai pra onde*, tudo parece muito espontâneo e sem planejamento. Mas sabemos que ele envolve uma equipe que pensa o tempo todo em como gerar identificação e conquistar a audiência. Qual papel da editora de texto nisso tudo? Como você vê as mudanças que a linguagem jornalística sofreu ao longo dos últimos anos e como isso se reflete no texto jornalístico para TV?
- Você acredita que o uso de uma linguagem mais acessível pode fortalecer o vínculo entre emissora e telespectador, especialmente em telejornais locais como o Bahia Meio Dia?
- Você acredita que, com o tempo, houve uma abertura maior para a humanização do repórter/apresentador no telejornalismo e como isso se reflete no texto, seja no roteiro dos apresentadores ou mesmo nas pautas dos repórteres?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

14) RETRANCA: ENTREVISTA DINHO JÚNIOR

| | |
|---|-----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 22/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA DINHO JÚNIOR |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: DINHO JÚNIOR (RADIALISTA) <p>Nascido e criado no bairro de Cajazeiras, em Salvador, o jornalista Dinho Júnior iniciou sua trajetória profissional aos 15 anos, como jovem aprendiz na Bahia FM. Desde então, desempenhou mais de 13 funções no meio da comunicação, acumulando experiências diversas em rádio e televisão.</p> <p>Com sólida atuação no telejornalismo e no rádio, passou por veículos de grande relevância, como Rádio Sociedade da Bahia, CBN, Piatã FM, Salvador FM e, na televisão, atuou como repórter e apresentador substituto. Após retornar de um intercâmbio na África do Sul, integrou a equipe da FM O Dia, no Rio de Janeiro, emissora líder de audiência em sua faixa horária.</p> <p>Em entrevista ao Jornal Correio, o comunicador destacou sua conexão com o jornalismo de proximidade, afirmando: “Falar para o povo sempre foi minha sina. E falar para o Brasil inteiro ouvir será ainda mais inspirador.”</p> | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: A entrevista com Dinho Júnior tem como objetivo analisar como sua trajetória profissional, iniciada ainda na juventude, contribuiu para a construção de uma abordagem comunicativa voltada para o jornalismo de proximidade. A partir de sua vivência em rádio, televisão e experiências internacionais, o comunicador oferece uma perspectiva rica sobre a valorização da linguagem popular, da escuta ativa das comunidades e da democratização da informação nos meios de comunicação de massa. | |
| FONTES: Dinho Júnior | |

PERGUNTAS:

- O que você entende por jornalismo de proximidade?
- Em entrevista ao *Correio*, você afirmou que “falar para o povo sempre foi sua sina”. O que significa, na prática, esse compromisso com o jornalismo de proximidade?
- Quais são os principais elementos que, na sua opinião, tornam uma comunicação verdadeiramente próxima do povo?
- Você acredita que as mídias tradicionais estão abertas a esse tipo de comunicação mais popular e acessível? Ou ainda existe resistência?
- Como é possível equilibrar a informalidade da linguagem popular com a credibilidade jornalística?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - FM O Dia - Rio de Janeiro

Entrevistador - Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera pessoal do entrevistado

15) RETRANCA: ENTREVISTA ADRIANA

| | |
|---|---------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 14/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA ADRIANA |
| REPÓRTER: Matheus Pedreira | ORIENTADORA: Alice Lacerda |

HISTÓRICO/SINOPSE: ADRIANA OLIVEIRA (REPÓRTER DA TV BAHIA)

Com 31 anos de carreira no jornalismo televisivo, Adriana Oliveira construiu uma trajetória marcada por versatilidade e adaptação às transformações do meio. Seu ingresso na profissão ocorreu de forma não planejada: inicialmente, considerava seguir outras áreas, como odontologia, direito ou até mesmo tornar-se aeromoça. Formada em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Adriana percebeu as limitações do mercado para essa área no Nordeste e, em busca de novas possibilidades, decidiu complementar sua formação com um curso técnico em Rádio e TV.

Foi a partir dessa formação paralela que surgiu a oportunidade de iniciar sua carreira jornalística. Convidada por um colega para atuar como repórter, Adriana deu seus primeiros passos na televisão na TV Aratu, mesmo sem experiência prévia ou familiaridade com a prática jornalística. Sua primeira reportagem foi na editoria de esportes, área que, na época, dominava muito pouco — uma experiência que ilustra sua disposição em enfrentar desafios desde o início da carreira.

Em entrevista ao podcast *Aperte o Play!*, com Lucas Freire, Adriana relembrou as dificuldades de fazer jornalismo ao vivo nas décadas passadas, ressaltando que, naquele contexto, havia um número considerável de restrições: não se podia errar, havia limitações quanto à linguagem, ao comportamento e até ao modo de se vestir. Segundo a jornalista, essas barreiras foram, ao longo dos anos, sendo superadas, permitindo que os repórteres se tornassem mais próximos do público. Ela destaca que hoje há maior liberdade para usar termos coloquiais, interagir fisicamente com as pessoas e adotar um estilo mais informal na apresentação, o que contribui para tornar o jornalismo mais humano e acessível.

Em 2025, como reconhecimento por seus mais de 30 anos de contribuição ao jornalismo baiano, Adriana foi homenageada pela emissora em que atua atualmente, sendo convidada a apresentar a edição especial do *Bahia Meio Dia* dedicada à tradicional Lavagem do Bonfim, uma das mais importantes celebrações culturais e religiosas da Bahia. A homenagem simboliza não apenas sua longevidade na profissão, mas também seu papel na construção de uma comunicação mais próxima e representativa para o público baiano.

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

Uma das figuras mais conhecidas e respeitadas do telejornalismo baiano, a jornalista trará uma contribuição valiosa ao compartilhar sua ampla visão e experiência sobre o jornalismo de proximidade, com base em sua vivência profissional ao longo dos anos, principalmente como repórter.

FONTES: Adriana Oliveira

PERGUNTAS:

Quais mudanças mais significativas você percebe na forma de fazer jornalismo televisivo entre o início da sua carreira e os dias atuais?

Em uma entrevista, você mencionou que hoje há mais liberdade no vestir, no uso da linguagem e até no contato físico com as pessoas. Como essas mudanças impactaram a forma de se comunicar com o público?

Quais são os maiores desafios de viver o jornalismo de rua? E como o repórter pode tornar a notícia mais próxima das pessoas?

O telejornalismo noticia casos delicados e difíceis e você, como repórter, vivencia essa realidade diariamente. Como lidar com as emoções das fontes entrevistadas mantendo o profissionalismo e a qualidade da cobertura jornalística sem deixar de se solidarizar com a vulnerabilidade do outro? E qual o limite da exposição do sofrimento alheio, na sua opinião?

Você acredita que o telejornalismo baiano conseguiu criar uma identidade própria nesse sentido de proximidade?

Quais estratégias você utiliza no seu dia a dia de repórter para realizar coberturas mais próximas do público e ao mesmo tempo mantendo a qualidade e a ética jornalística?

Como a concorrência pauta ou influencia o seu trabalho na emissora hoje?

Você destacaria algum trabalho em que a sua postura profissional e humana foi decisiva para a abordagem adequada de uma pauta? Aquele trabalho de que você mais tem orgulho...

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Bahia

Entrevistadores - Airton São Pedro e Matheus Pedreira

Equipamento - Câmera profissional da empresa

16) RETRANCA: ENTREVISTA PABLO REIS

| | |
|--|---------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 20/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA PABLO REIS |
| REPÓRTER: DOUGLAS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: PABLO REIS (APRESENTADOR DA TV ARATU) <ul style="list-style-type: none">• Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-graduado em Jornalismo Contemporâneo pelo Centro Universitário Jorge Amado• Iniciou sua trajetória profissional no jornal <i>Correio da Bahia</i>, atuando na editoria de Esportes e, posteriormente, como repórter especial. Também colaborou com a agência internacional Reuters e foi editor do programa <i>Cartão Verde</i> na TV Educativa• Vencedor de 9 prêmios de jornalismo, incluindo três edições do Prêmio Banco do Brasil de Jornalismo e o Prêmio Barbosa Lima Sobrinho, concedido pela OAB-Bahia | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Nessa entrevista, vamos abordar com o entrevistado, como o telejornalismo vem se transformando na busca de uma maior aproximação do telespectador nos últimos 20 anos, ainda nesse contexto, refletir como eram produzidos os programas mais antigos das emissoras que foram pioneiros em trazer a participação do público nos programas diários. Além de trazer as experiências do entrevistado na época em que tais programas eram veiculados e a sua visão do futuro para o telejornalismo baiano. | |
| FONTES: Pablo Batista Dias Reis, nasceu em Alagoinhas - BA, no dia 30 de março de 1978. Ingressou na TV Aratu em 2005, onde desempenha múltiplas funções: Apresentador: Comanda programas como <i>Liga da Madrugada</i> , <i>Aratu Repórter</i> , <i>Linha de Frente</i> , <i>Reunião de Pauta</i> e <i>Aratu Talks</i> . Diretor de Conteúdo e Inovação: Responsável por projetos como <i>Universo</i> , <i>Dendê na Mochila</i> , <i>Clube da Alegria</i> e <i>Chegue Mais</i> . Gestor de Projetos Digitais: Atua no portal de notícias <i>Aratu ON</i> , ampliando a presença digital da emissora | |

PERGUNTAS:

- Como o telejornalismo baiano tem evoluído nas últimas décadas em direção à proximidade com o público?
- É possível afirmar que o telejornalismo de proximidade na Bahia funciona como um espelho da identidade cultural do povo baiano?
- O uso da linguagem coloquial e de expressões populares compromete a credibilidade jornalística ou fortalece o vínculo com o telespectador?
- Numa cidade de maioria da população negra, a representatividade é um aliado da identificação do público. Nesse contexto, há espaço para jornalistas e comunicadores negros ocuparem posições de destaque nos telejornais locais?
- A TV Aratu tem apostado em inovação e multiplataforma. Como você enxerga esse momento da televisão em diálogo com a internet e as redes sociais?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Aratu

Entrevistador - Douglas Dórea

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

17) RETRANCA: CASEMIRO

| | |
|---|----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 21/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA CASEMIRO |
| REPÓRTER: DOUGLAS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| <p>HISTÓRICO/SINOPSE: CASEMIRO NETO (RADIALISTA DA METRÓPOLE FM E EX APRESENTADOR DA TV ARATU E TV BAHIA)</p> <ul style="list-style-type: none">• Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)• TVE Bahia e TV Itapoan: Iniciou sua carreira jornalística nessas emissoras, onde ganhou experiência e visibilidade.• TV Bahia (1991–2008): Na afiliada da Rede Globo, Casemiro se destacou como editor do <i>BATV</i>, repórter local e nacional, além de ancorar ao vivo vários carnavais de Salvador. Posteriormente, apresentou o <i>Bahia Meio Dia</i>, onde criou o premiado quadro “Desaparecidos”.• TV Aratu (2008–2025): Na afiliada do SBT, comandou programas como <i>Que Venha o Povo</i>, <i>Cidade Aratu</i> e <i>Bom Dia Bahia</i>. Também foi responsável por apresentar carnavais e debates políticos em períodos eleitorais. | |
| <p>ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Nessa entrevista, vamos abordar com o entrevistado, como o telejornalismo vem se transformando na busca de uma maior aproximação do telespectador nos últimos 20 anos, ainda nesse contexto, refletir como eram produzidos os programas mais antigos das emissoras que foram pioneiros em trazer a participação do público nos programas diários. Além de trazer as experiências do entrevistado na época em que tais programas eram veiculados e a sua visão do futuro para o telejornalismo baiano.</p> | |

FONTES: Casemiro Gomes Cardoso Neto, conhecido como Casemiro Neto, nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, no dia 10 de junho de 1959. Após deixar a TV Aratu, Casemiro Neto assinou contrato com a Rádio Metrópole, onde estreou em junho de 2025. Ele passou a apresentar o programa Jornal da Cidade, transmitido ao vivo de segunda a sexta-feira, das 17h às 19h. Em 2023, Casemiro lançou o Portal do Casé, uma plataforma de notícias que reúne reportagens e notas sobre política, segurança pública, negócios e emprego. O portal busca oferecer conteúdo jornalístico com seriedade e credibilidade

PERGUNTAS:

- Como você percebe as transformações do telejornalismo na tentativa de se aproximar do público?
- Com mais de 40 anos de carreira, você vivenciou e vivencia diferentes fases do telejornalismo baiano, ao longo dos anos, que caminhos futuros o telejornalismo pode seguir diante da convergência digital, na interação com o povo baiano?
- O programa *Que Venha o Povo* marcou a TV baiana. Uma pergunta e resposta, se tornou um bordão, “De quem é a culpa agora, Casemiro” - “Minha que não é mesmo”. O que acabou se tornando um padrão na abordagem para cobranças das autoridades, foi uma estratégia de fixar uma forma emblemática ou surgiu por acaso?
- Ainda vivemos em um cenário de polarização na política brasileira, ainda mais nas redes sociais. Você acha que isso ajuda ou atrapalha o telejornalismo para estar mais próximo das pessoas?
- Durante muitos anos, você foi âncora de um telejornal mais padronizado de acordo com as estéticas da mídia dominante, como foi a transição para um programa como o "QVP", que era mais pautado em problemas da sociedade baiana e com maior interatividade com a população?
- O icônico repórter Zé Bim, agia como um elo de ligação imediata e ao vivo do público com o apresentador. Como você vê a representatividade desse repórter na aproximação com o telespectador?
- Como avalia o jornalismo na era das redes sociais, em que todos têm uma câmera e voz na internet?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - Metrópole FM

Entrevistador - Douglas Dórea

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

18) RETRANCA: KALIL

| | |
|---|---------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 16/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA JOÃO KALIL |
| REPÓRTER: DOUGLAS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: JOÃO KALIL (REPÓRTER DA TV RECORD E RADIALISTA DA RÁDIO SOCIEDADE) João Kalil iniciou sua carreira passando por rádios como Itapoan FM, Transamérica FM, Cristal, Sauípe Fm e entre outras, e na televisão baiana, destacando-se como repórter e apresentador. Ele ganhou notoriedade no programa "Balanço Geral", da RecordTV Itapoan, onde atuou ao lado de Raimundo Varela, com quem compartilhou experiências profissionais marcantes. | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Nessa entrevista, vamos abordar com o entrevistado, como o telejornalismo vem se transformando na busca de uma maior aproximação do telespectador nos últimos 20 anos, ainda nesse contexto, refletir como eram produzidos os programas mais antigos das emissoras que foram pioneiros em trazer a participação do público nos programas diários. | |
| FONTES: João Ahmed Kalil de Oliveira nasceu no dia 28 de abril de 1967 em Salvador - BA, é radialista e apresentador baiano com uma carreira consolidada na comunicação de Salvador, sendo reconhecido por seu estilo direto e engajado, especialmente em temas políticos e sociais. Atualmente apresenta o programa Balanço Geral na Rádio Sociedade das 08 às 10hrs, e também tece comentários no programa Balanço Geral na TV Record. E faz participação às quintas-feiras na Rádio Metrópole | |

PERGUNTAS:

- Como você percebe as transformações do telejornalismo na tentativa de se aproximar do público?
- Como os quadros de prestação de serviço e de interação com o público (como Balanço Geral nos Bairros) transformam a relação entre emissora e comunidade?
- Nesta era de redes sociais em que todos opinam sobre todos os temas, como você vê o futuro do telejornalismo baiano?
- O que diferencia o “popular” do “popularesco” no contexto do telejornalismo baiano?
- Você que vivenciou diferentes épocas do Balanço Geral e acompanhou o grandioso Raimundo Varela. Na sua concepção, os programas de cunho policial-popular reforçam estigmas sociais ou revelam problemas reais da população?
- Que caminhos futuros o telejornalismo de proximidade na Bahia pode seguir diante da convergência digital?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Record

Entrevistadores - Matheus Pedreira, Douglas Dórea e Júlia Katriane

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

19) RETRANCA: ENTREVISTA JÉSSICA SMETAK

| | |
|--|-------------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 16/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA JÉSSICA SMETAK |
| REPÓRTER: DOUGLAS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: JÉSSICA SMETAK (APRESENTADORA DA RECORD E RADIALISTA DA RÁDIO SOCIEDADE) <ul style="list-style-type: none">• Formada em Comunicação Social pelo Centro Universitário Jorge Amado em 2011, Jéssica Smetak passou por emissoras como a TVE, TV Bahia (afiliada da Rede Globo), e atualmente atua na Record Bahia e na Rádio Sociedade.• Autora da biografia “Smetak, Som e Espírito”, de 2013, que conta a vida e obra de seu avô, o músico suíço Walter Smetak | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Nessa entrevista, vamos abordar com a entrevistada, como o telejornalismo vem se transformando na busca de uma maior aproximação do telespectador nos últimos 20 anos, ainda nesse contexto, refletir como eram produzidos os programas mais antigos das emissoras que foram pioneiros em trazer a participação do público nos programas diários. Além de trazer as experiências do entrevistado na época em que tais programas eram veiculados e a sua visão do futuro para o telejornalismo baiano. | |
| FONTES: Jéssica Smetak Paoli nasceu em Salvador - BA no dia 3 de Dezembro de 1988, é jornalista e apresenta o Programa Bahia no Ar na TV Record Bahia e o Programa Conexão Sociedade na Rádio Sociedade da Bahia, além de ter um site de Notícias de nome Taktá No Ar. Além disso, também faz participações eventuais no Fala Brasil, da Record Nacional. | |

PERGUNTAS:

- Como você percebe as transformações do telejornalismo na tentativa de se aproximar do público?
- Pra você, é possível afirmar que o telejornalismo de proximidade na Bahia funciona como um espelho da identidade cultural do povo baiano?
- Você passou por várias emissoras baianas, como TVE, TV Bahia e agora Record Bahia. Quais diferenças você percebeu no formato dos programas de cada uma delas, na tentativa de aproximação e representatividade?
- Você tem uma conexão muito próxima com o público baiano, com uma rede social muito ativa. Como você constrói e mantém essa conexão de confiança com os telespectadores?
- Em mais de uma década de carreira, você também apresentou o case de sucesso da Record, o Balanço Geral, como essa interação com o telespectador moldou a sua forma de fazer jornalismo?
- Que papel o jornalismo deve ter na sociedade, especialmente em tempos de informações rápidas e mídias digitais?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:**TV Record****Entrevistadores - Douglas Dórea, Airton São Pedro e Júlia Katriane****Equipamento - iPhone 15 Pro Max**

20) ENTREVISTA KÁTIA GUZZO

| | |
|--|----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 22/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA KÁTIA GUZZO |
| REPÓRTER: DOUGLAS | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: KÁTIA GUZZO (EX APRESENTADORA DA TV BAHIA) <ul style="list-style-type: none">• Formou-se em Comunicação Social• Iniciou seus trabalhos na televisão em Salvador, na TV Itapoan em 1983• Em 1986, passou para a TV Bahia (afiliada da Rede Globo), onde assumiu o programa <i>Bahia Agora</i>, que hoje é equivalente ao jornal <i>Bahia Meio Dia</i>• Também foi apresentadora do Jornal da Manhã na TV Bahia• Chegou a apresentar o <i>BATV</i>, telejornal importante da emissora, por muitos anos | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Nessa entrevista, vamos abordar com a entrevistada, como o telejornalismo vem se transformando na busca de uma maior aproximação do telespectador nos últimos 20 anos, ainda nesse contexto, refletir como eram produzidos os programas mais antigos das emissoras que foram pioneiros em trazer a participação do público nos programas diários. Além de trazer as experiências do entrevistado na época em que tais programas eram veiculados e a sua visão do futuro para o telejornalismo baiano. | |
| FONTES: Kátia Guzzo nasceu em 1957, em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro. Mudou-se para Salvador (BA) em 1981, e desde então é identificada como tendo “alma baiana”. Em 2015, Kátia deixou a bancada do <i>BATV</i> para passar a fazer projetos especiais na TV Bahia, como entrevistas. A partir de 2016, sua última matéria de entrevistas especiais foi divulgada; depois disso, ela se afastou do ar principalmente por motivos de saúde. | |

PERGUNTAS:

- Quando você começou a trabalhar com jornalismo na Televisão, já havia essa preocupação por parte das emissoras de fazer um jornalismo que conversasse com a audiência?
- Como era a abordagem, a linguagem usada e a postura dos apresentadores no telejornalismo quando você começou na carreira?
- Quais mudanças você percebeu ao longo desses anos?
- Por que você acha que o telejornalismo mudou tanto nos últimos 20 anos?
- Como você avalia esses novos formatos de fazer telejornalismo?
- Quais foram os momentos mais marcantes da sua trajetória em que você percebeu que conseguiu alcançar um vínculo emocional ou de identificação com o público?
- Sabemos que a disputa pela audiência é um fator que interfere diretamente nos telejornais. Como era esse monitoramento da audiência e como você percebia essa interferência no seu dia a dia como apresentadora?
- Você acha que essa pressão pela audiência está mais acirrada no telejornalismo hoje?
- Você conviveu com colegas de profissão que estavam dispostos a tudo para conquistar audiência?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - Espaço Latitude 13 Cafés Especiais

Entrevistadores - Matheus Pedreira e Douglas Dórea

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

21) RETRANCA: ENTREVISTA GLAUBER

| | |
|---|---------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 21/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA GLAUBER |
| REPÓRTER: JÚLIA | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: GLAUBER MATHEUS (DIRETOR DE JORNALISMO DA TV RECORD) Glauber Matheus é diretor de jornalismo da Record TV Itapoan (Record Bahia), uma das principais emissoras responsáveis por difundir o jornalismo popular na Bahia. Sob sua gestão atual, programas como <i>Balanço Geral</i> consolidaram o modelo de jornalismo de proximidade, caracterizado por linguagem popular, foco em pautas do cotidiano e forte interação com o público. Ele já trabalhou como coordenador de Jornalismo na Aratu também e tem uma perspectiva das duas emissoras como gestor. | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Bastidores do crescimento do telejornalismo de proximidade. Estratégias editoriais e gerenciais para engajar o público. Competição com emissoras tradicionais e redes sociais. Desafios éticos, técnicos e comerciais do formato. Visão de futuro para o jornalismo popular e televisivo. | |
| FONTES: Nome: Glauber Matheus Cargo: Diretor de Jornalismo da Record TV Itapoan (Record Bahia) Perfil: Gestor estratégico responsável pela condução do jornalismo popular na record | |

PERGUNTAS:

1. Quais estratégias editoriais e de gestão você considera mais eficazes para engajar o público e manter a audiência em alta?
2. Como as novas tecnologias e redes sociais impactam o modo de produzir, distribuir e interagir com o público nos telejornais da Record?
3. Na sua visão, quais são os próximos passos para o telejornalismo popular na Bahia frente à concorrência das plataformas digitais e streaming?
4. Como é a relação de audiência, concorrência e relação de proximidade?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Record

Entrevistadora - Júlia Katriane

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

22) RETRANCA: ENTREVISTA JORGE ARAÚJO

| | |
|--|-----------------------------------|
| NOME DO PRODUTO: Telejornalismo baiano: interação e proximidade | DATA: 21/10/2025 |
| FORMATO: Entrevista | RETRANCA: ENTREVISTA JORGE ARAÚJO |
| REPÓRTER: JÚLIA | ORIENTADORA: Alice Lacerda |
| HISTÓRICO/SINOPSE: JORGE ARAÚJO (APRESENTADOR DA BAND E EX REPÓRTER DA TV RECORD) | |
| <p>TV Aratu, repórter. Atuou no “Cidade Aratu” e outros programas locais. Ele também apresentou quadros no Cidade Aratu, como “Tô Retado”. Na Record Bahia foi repórter no Balanço Geral Salvador. Ganhou notoriedade popular nesse trabalho, sendo apelidado de “Repórter do Povo” por seu estilo próximo da comunidade, bordões (“bafafá, confusão e agonia”) e forte apelo nas periferias. Cargo político e reconhecimento popular eleito vereador de Salvador (2024): Foi o vereador mais votado de Salvador nas eleições de 2024, com cerca de 36 mil votos. Atualmente apresenta programa na Band “Bafafá na Band”</p> | |
| ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: | |
| <p>A entrevista busca analisar o impacto do jornalismo de proximidade no relacionamento com o público, a partir da experiência de um repórter que se tornou símbolo dessa abordagem no telejornalismo baiano. O enfoque está em compreender como o estilo próximo da comunidade, a linguagem popular, o uso de bordões e a presença em quadros interativos contribuíram para a identificação do público e a construção de notoriedade pessoal.</p> | |
| FONTES: | |
| <p>Nome: Jorge Araújo Cargo: Repórter e apresentador da Band; vereador</p> | |

PERGUNTAS:

-Olhando para sua trajetória, quais foram os limites e desafios de conciliar jornalismo popular com ética e responsabilidade social?

-Como a experiência no jornalismo de proximidade influenciou a forma como as pautas são escolhidas e apresentadas?

- Na sua opinião, a popularidade conquistada pelo modelo de proximidade reforça ou desafia os padrões tradicionais de jornalismo?

DETALHES TÉCNICOS PARA ESSA PAUTA:

Local - TV Band

Entrevistador - Airton São Pedro

Equipamento - iPhone 15 Pro Max

APÊNDICE B - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

MONTAGEM

SOM

FILMAGENS

TELEJORNALISMO BAIANO: INTERAÇÃO E PROXIMIDADE

OFF 1 (MAURO ANCHIETA): FORAM ANOS DE ATUALIZAÇÕES; DE NOVAS LINGUAGENS; UMA SEDE, UMA BUSCA DAS EMISSORAS EM NÃO APENAS TRANSMITIR, MAS CONVERSAR, SE CONECTAR ... SE CONECTAR COM VOCÊ.

CENA 01 – IMAGENS DE ARQUIVO

SOBE SOM COM IMAGENS DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO PARA ILUSTRAR NO INÍCIO DA NARRATIVA

Andréa Silva - APRESENTADORA

Clipe: 145_4357

(13:18) era algo bem mais formal, (13:20) era algo bem, assim, (13:23) a gente tinha aquela coisa do blazer, né, (13:25) para trazer aquela coisa (13:27) de respeito, de credibilidade, né. (13:31) A gente tinha uma linguagem mais formal, (13:33) embora clara, né, (13:35) você precisava comunicar.

(13:45) não vai falar palavras difíceis (13:48) para que as pessoas não consigam entender, (13:50) mas não era tão leve como é hoje, né, (13:53) a gente tinha uma preocupação mais, (13:55) uma seriedade um pouco maior

OFF 2 (MAURO ANCHIETA): HOUVE UM PERÍODO EM QUE O TELEJORNALISMO ERA MAIS FORMAL. A MISSÃO ERA INFORMAR COM CLASSE E CREDIBILIDADE. VOZES EMPOSTADAS, ESTÉTICA CUIDADOSAMENTE PLANEJADA.

CAROLINA LIMA - EDITORA DE TEXTO

Clipe: 20251013

(1:34) É como se você mantivesse um distanciamento daquela pessoa e não mostrasse pra ela (1:41) que você também tava vivendo aqueles problemas, já que você tá falando sobre a cidade que você vive

(1:54) Você falava, mas não era aquela coisa de proximidade, (1:58) de mostrar pro telespectador que você sabe o que ele está passando.

Adriana Oliveira - JORNALISTA

Clipe: 145_4364

(2:27) existe aquele padrão de você tentar falar de uma forma só, uma narrativa muito (2:33) próxima, muito igual de todo mundo. (2:35) Você tinha um padrão na forma de vestir, você tinha um padrão do corte de cabelo, (2:40) ou você tinha muito curto, ou você tinha, no máximo, na altura do ombro.

(2:45) Você tinha um padrão de não poder acessórios que chamassem a atenção, por exemplo, um (2:51) brinco como esse, um anel que hoje eu uso, tatuagens.

(2:55) Então, se você tivesse, quem as tinha, tinha que cobrir. (2:59) Quem pensava em fazer, pensava muito porque sabia que, de alguma forma, aquilo não ia (3:04) repercutir bem, não ia ser visto como uma coisa bacana.

KÁTIA GUZZO - JORNALISTA

16:22 - 16:29: era a postura elegante. a gente tinha que passar a notícia em primeiro lugar não era se você era bonita, se você era linda... se você estava usando a roupa mais assim ou mais assada. a gente estava bem escondida na bancada. já cansei sim de fazer só de blazer, calça jeans. nunca fiz de bermuda nem de chinelo. mas calça jeans e de uma roupa mais informal. porque a gente não levantava, não tinha touchscreen, não tinha tantas telas, não tinha videowall, não tinha nada disso a gente tinha no máximo telas divididas e fazia tela cheias de notas cobertas.
17:07 - 17:18: a linguagem da gente era: elegância ao passar a notícia, credibilidade... o jornalista tem que passar credibilidade

OFF 3 (MAURO ANCHIETA): UM RIGOR QUE FOI SENDO DESFEITO AOS POUCOS. A TELEVISÃO É MÍDIA DE MASSA, E PARA CONSTRUIR ESSA PONTE, É PRECISO CHAMAR A AUDIÊNCIA PARA MAIS PERTO.

ANNA VALÉRIA - JORNALISTA

06:52 - 07:20

O PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE EXIGIA UMA SERIEDADE NO JORNALISMO E A GENTE TINHA UMA CARTILHA. A GENTE TINHA UMA CARTILHA PRA SEGUIR, DE PALAVRAS, DE TERMOS QUE A GENTE PODIA USAR, O QUE A GENTE NÃO PODIA... PORQUE ERA O PADRÃO GLOBO DE JORNALISMO. VOCÊ IMAGINA ISSO NOS ANOS 80, NÉ? E EU FUI PRA TV BAHIA EM 88, MAS ANTES DISSO EU VIVI ESSE RIGOR NA TV ARATU.

CASEMIRO NETO - APRESENTADOR

00:51 - 01:12 A GENTE TINHA ASSIM, UM FORMATO MAIS DURO. NO CASO DE REPÓRTER, A GENTE FAZIA MUITO CIDADE, MAS SEM ESSA APROXIMAÇÃO QUE É PERMITIDO HOJE, ATÉ PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO QUE SÃO UTILIZADOS. COMO APRESENTADOR, O JORNALISMO DE BANCADA ERA MAIS FECHADO, MAIS ENCESSADO COMO SE FALA.

OFF 4 (MAURO ANCHIETA): NA CONTRAMÃO DESSE MODELO TRADICIONAL, A TELEVISÃO BAIANA COMEÇA A SE APROXIMAR DO PÚBLICO, COM UMA LINGUAGEM MAIS POPULAR. /// UM JORNALISMO PENSADO PARA SER A CARA DO POVO. /// NA ANTIGA TV ITAPOAN, O APRESENTADOR RAIMUNDO VARELA TRAZIA AQUILO QUE O BAIANO NÃO APENAS VIVIA, MAS TAMBÉM FALAVA.

SOBE SOM: ENTRA IMAGENS DE RAIMUNDO VARELA E O ANTIGO BALANÇO GERAL

JOÃO KALIL - COMENTARISTA (IMG_1564)

[15:08] - [15:38]

o que varela me ensinou e que eu passo para você que tá acompanhando esse trabalho é que você tem o fato e tem a versão do fato.

[15:38] - [16:05]

e é muito importante que vocês prestem atenção no que eu vou falar. o que que é o fato? e o que que é a versão do fato? o fato é aquilo que está acontecendo. a versão do fato é explicar e ouvir quem está por trás daquilo, tanto naquela pessoa que, por exemplo, está sofrendo aquele fato ou de que causou aquele fato.

OFF 5 (MAURO ANCHIETA): INICIATIVAS QUE AJUDARAM A DEFINIR, AO LONGO DO TEMPO, A IDENTIDADE DA PRIMEIRA EMISSORA DE TV DO ESTADO .

ANA MANUELA - EDITORA DE TEXTO (IMG 1477)

03:26 - 03:50: o varela era aquele tipo de pessoa que ele assistiu o jornal da noite, o nacional da noite da record, e ele parava e ligava para a editora-chefe dele. cris, olha, eu quero tal matéria de economia que passou agora no jornal. aí a editora-chefe dele chegava de manhã cedo, já separava aquela matéria, e aí ele cortava a matéria simplesmente no meio da matéria. para, para, para, para aí, volte aqui para mim. e a gente não sabia, não entendia. oxe, mas foi a matéria que ele pediu. “a senhora aí de casa não está entendendo nada, né? vou dizer, essa taxa, selic que aí, vai atingir o preço do seu tomate, o preço de não sei o que lá, vai lhe atingir assim, assim, então, são pessoas que conseguem traduzir, conseguem atingir exatamente esses dois públicos. tanto o público do aiki batista, quanto o público de dona mariazinha, com a mesma linguagem.

ANA MANUELA - EDITORA DE TEXTO (IMG 1478)

04:06 - 04:30: A produtora na época, Gabriela, lia muitos fax e tentava botar em dia os e-mails. Varela lia todos. Varela levava para casa, saía com um e voltava: “esse eu quero, esse eu quero, esse eu quero, esse eu quero”. Isso é se aproximar. Isso é dar atenção. Isso é dar a voz ao seu público.

JÉSSICA SMETAK - APRESENTADORA (IMG_1514)

[01:02] - [01:27]

E isso é o jornalismo popular. É você abrir o espaço para dar voz, dar projeção a quem não consegue fazer isso por conta própria. É o quarto poder. É o jornalismo enquanto o quarto poder, o que luta por justiça, que busca a transparência e a garantia dos direitos essenciais da população.

OFF 6 (MAURO ANCHIETA): NA APRESENTAÇÃO: TAPA NA MESA, CARTÃO VERMELHO PARA O QUE NÃO PRESTAVA E FALAS FIRMES, COM IMPACTO. NA REPORTAGEM, TAMBÉM TINHA ESPAÇO PARA A INFORMALIDADE, E UMA FIGURA ICÔNICA MOSTROU COMO INTERAGIR COM O PÚBLICO. UM PRENÚNCIO DO JORNALISMO DE PROXIMIDADE QUE JÁ CRESCIA.

SOBE SOM COM IMAGENS DE ZÉ BIM /// ZÉ BIM INTERAGINDO COM AS PESSOAS

CASEMIRO NETO - APRESENTADOR IMG 1695

07:05 - 07:25

ELE ERA UM GRANDE ELO POPULAR, PORQUE ELE ERA A CARA DO POVO, NÉ? E ME AJUDOU MUITO NO INÍCIO A ME APROXIMAR MAIS DO POVO ASSIM. é como eu falei agora há pouco, né, aquela coisa de ser mais popular, de ter uma linguagem mais coloquial, me ajudou muito e tenho muita saudades dele.

PABLO REIS - APRESENTADOR

[30:03] - [30:25]

Zé Bim, talvez seja a melhor encarnação do público, da média do público, do perfil médio do público, pegando um microfone. Uma pessoa que está assistindo ali, que tivesse irreverência e uma inteligência rápida de raciocínio, muito provavelmente faria como o Zé Bim fez, ou se enxergaria no que o Zé Bim estava fazendo.

OFF 7 (MAURO ANCHIETA): FOI NECESSÁRIO VER QUE NÃO BASTAVA MAIS APENAS EMITIR OS FATOS. A INTERAÇÃO É A CHAVE DO NEGÓCIO, ABRINDO PORTAS PARA UM NOVO MODO DE COMUNICAR.

IMAGENS DO QUADRO DESAPARECIDOS COM CASEMIRO NETO E TAMBÉM COM ANDRÉA SILVA

ANDREA SILVA - APRESENTADORA

Clipe 145_4357

(11:13) é o quadro Desaparecidos, (11:15) onde você estava ali com as pessoas ao seu lado, (11:18) e nos bastidores essa proximidade já começava, (11:21) que é chegar cedo, conversar e dividir, (11:24) trocar ideias, sabe, e dar o ombro um para o outro, (11:28) e eu acho que a proximidade vem daí, sabe, (11:31) vem de você estar perto das pessoas, (11:32) de você estar disponível ali para a pessoa, (11:56) é algo que é difícil de explicar, (11:58) e é fácil de viver,

CASEMIRO NETO - APRESENTADOR (IMG 1695)

01:54 - 02:05: ESSE QUADRO PRA MIM FOI UM DIVISOR DE ÁGUAS NA MINHA CARREIRA, E UM DIVISOR DE ÁGUAS TAMBÉM EM RELAÇÃO À PRÓPRIA REDE BAHIA, PORQUE A PARTIR DESSE QUADRO SE VIU A NECESSIDADE DE SE APROXIMAR MAIS O JORNALISMO DA COMUNIDADE.

OFF 8 (MAURO ANCHIETA): SEGUINDO A CARTILHA DE OUTRAS EMISSORAS, COMO A ITAPOAN E A ARATU, QUE À ÉPOCA JÁ ERAM CONHECIDAS PELAS PAUTAS POPULARES, A TV BAHIA SE APOIOU EM QUADROS SOCIAIS, COMO TENTATIVA DE ESTAR MAIS PERTO DAS PESSOAS. AQUELAS QUE CONSTROEM DIARIAMENTE A AUDIÊNCIA DO PRINCIPAL CANAL DE TELEVISÃO DA BAHIA.

ANNA VALÉRIA - JORNALISTA

era quando o repórter fazia parte, quando ele andava dentro da matéria, andava na passagem, quando ele mostrava nessa casa aqui, explodiu os gás, sabe quando a gente andava dentro da matéria, que antes não era assim. aí passou a ser, eram matérias participativas. depois a gente começou a ir liberando a linguagem.

GLAUBER MATHEUS - DIRETOR DE JORNALISMO

03:32 - 03:51

TEM UMA FRASE QUE VALE MUITO, PRINCIPALMENTE AQUI NO NOSSO ESTADO, NA BAHIA, QUE É O SEGUINTE: “ONDE O BAIANO NÃO SE VÊ, ELE NÃO ASSISTE”.

ELE TEM QUE SE VER PRA FAZER PARTE DAQUILO. ENTÃO SE NÃO FALA COM ELE, NÃO MOSTRA O PROBLEMA DELE, SE NÃO COBRA UMA SOLUÇÃO

DO PROBLEMA DELE... NÃO TEM POR QUE DELE ASSISTIR AQUELE CONTEÚDO.

OFF 9 (MAURO ANCHIETA): O MOVIMENTO DAS GRANDES EMISSORAS BAIANAS PARA ATENDER ÀS DEMANDAS POPULARES SE TORNA UM MARCO NA PRIMEIRA DÉCADA DOS ANOS 2000. OS APRESENTADORES PASSAM A SE EXPÔR MAIS. ERA O PREÇO DA PROXIMIDADE. E AÍ, DE QUEM É A CULPA?

CASEMIRO NETO - IMG 1695

03:45 - 03:47

Minha que não é mesmo (risos)

CLIFE COM IMAGENS DO QUE VENHA O POVO

FERNANDA MARTINEZ - PRODUTORA

01:54 - 02:29

O que venha o povo, como diz o nome, né? A essência é o povo. A gente tinha lá o objetivo de construir pautas que fossem a realidade do nosso público. Ou seja, a gente fazia muitas produções externas nos famosos espaços do povo através da estação da Lapa, Praça da Piedade e lá a gente conseguiu resolver desde problemas básicos como infraestrutura, falta de água, uma regulação e até mesmo conseguir oportunidades de trabalho. Ou seja, era uma forma do público se sentir representado, conseguindo esses benefícios através do jornal.

OFF 10 (MAURO ANCHIETA): O PÚBLICO, AO PERCEBER QUE SUA PARTICIPAÇÃO JÁ ERA UMA REALIDADE, E QUE O SEU DIA A DIA PAUTAVA OS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS, SENTIU-SE CADA VEZ MAIS FAZENDO PARTE DO QUE VIA NA TV. /// ERA UMA NOVA FASE DA TELEVISÃO MODERNA, ONDE A INTERAÇÃO ESTREITAVA OS LAÇOS E GERAVA PROXIMIDADE.

PABLO REIS - APRESENTADOR

[24:36] - [25:01]

nessa fase já de programa chamado programa popular, o programa se liga bocão foi bem-sucedido na época, durante esse período, excelentes números de audiência e acabou [na tv aratu]. e precisava que a aratu continuasse com, nesse horário principalmente, continuasse com esse tipo de programação de proximidade ao público popular.

[25:01] - [25:26]

e na época o profissional identificado no mercado com mais carisma, com mais aceitação por esse grande público e também que tinha uma imagem que combinava com o que aratu queria né? uma imagem de seriedade, mas não é uma seriedade não cisuda, né?

[25:26] - [25:44]

é uma respeitabilidade, mas sem estar afastado do público, era casimiro.

CASEMIRO NETO - APRESENTADOR

06:09 - 06:31: eu me vi de repente num estúdio grande, com 4 câmeras, com o tempo maior, e tendo que me revelar mais ainda, mostrar minha cara. então no início

foi difícil, mas depois eu me acostumei e gostei, gostei. hoje eu não sei se faria novamente um jornalismo tão engessado como eu fiz no passado. eu acho que não cabe mais no meu jeito de fazer jornalismo.

OFF 11 (MAURO ANCHIETA): A PREOCUPAÇÃO COM A AUDIÊNCIA ERA EM NÚMEROS, MAS TAMBÉM NO PERFIL DOS TELESPECTADORES. QUEM ASSISTIA AOS JORNAIS? QUEM ERAM AS PESSOAS QUE LIGAVAM AS TVS? ENTENDER ESSE CENÁRIO, ERA CRUCIAL PARA FAZER UM JORNALISMO COM IDENTIDADE LOCAL, PRINCIPALMENTE COM A ASCENSÃO DAS REDES SOCIAIS

RICARDO ISHMAEL - APRESENTADOR (145_4358.MXF)

03:52 - 04:20

Me lembro que quando comecei lá em 2010, nós tínhamos ainda, nós estávamos, eu diria, engatinhando na busca de um modelo de jornalismo, de telejornalismo que fosse mais interativo e mais participativo. Nós tínhamos sim algumas experiências de interação de troca com o telespectador, mas tudo ainda muito tímido.

KÁTIA GUZZO - JORNALISTA (IMG 1776)

23:45 - 23:57

Eu tenho quarenta e tantos anos de jornalismo, de formada... tudo mudou! O mundo mudou, e o jornalismo tinha que mudar.

24:22 - 24:37

Ai de mim se não tivesse mudado, e se eu não tivesse acompanhado. Se não você para no tempo, você perde o bonde da vida. Você perde o cavalo selado que passa na sua frente, e nem sempre passa duas vezes.

FERNANDO SODAKE - APRESENTADOR (IMG 1487)

06:02 - 06:20

quando se percebeu que a forma mais rápida de se conectar com essas pessoas era se permitir ser do meio, ou seja, se eu tô levando as notícias pro baiano eu tenho que me permitir ser baiano, com as minhas gírias, com as minhas formas, o meu linguajar.

06:29 - 06:40

eu acho fantástico essa possibilidade, porque permitiu ao público encontrar identidade

OFF 12 (MAURO ANCHIETA): ERA PRECISO OLHAR PARA O LADO. O TELEJORNALISMO DE PROXIMIDADE AINDA ERA UM CAMINHO A SER AMADURECIDO, DESENVOLVIDO, E A TV BAHIA ANDAVA A PASSOS DISCRETOS. /// A ERA DAS REDES SOCIAIS, DOS STREAMINGS, DO ALTO CONSUMO EXTERNO E A PERDA DO MONOPÓLIO DA TELEVISÃO TAMBÉM SACUDIU AS ESTRUTURAS DA MÍDIA DE MASSA. /// COM O HORÁRIO DO ALMOÇO SENDO CARRO-CHEFE DOS PROGRAMAS POPULARES E *A CONCORRÊNCIA GANHANDO FORÇA* NOS ÍNDICES DE AUDIÊNCIA, *A AFILIADA DA GLOBO NA BAHIA PROCURA SE REINVENTAR... MESMO QUE PARA ISSO SEJA NECESSÁRIO ENFRAQUECER O OUTRO LADO*.

(PARA O PRIMEIRO TRECHO MARCADO ENTRE ASTERISCOS *, COLOCAR FOTOS DO CARD DO PROGRAMA "SE LIGA BOCÃO" LIDERANDO AUDIÊNCIA;

PARA O SEGUNDO TRECHO MARCADO ENTRE ASTERISCOS *, BUSCAR IMAGENS DE JESSICA SENRA NA RECORD)

Jéssica Senra - APRESENTADORA

Clipe: IMG 1706| 04:04 - 05:15

A minha vinda foi justamente com essa provocação de fazer uma comunicação mais próxima e mais plural. Eu estava na Record, é, onde eu considerava que tinha certa liberdade de posicionamento e me posicionava e falava, né? Tentava dar outras vozes a outras pessoas, é, e às vezes me posicionar, né, em favor dessas outras pessoas.

E quando a TV Bahia me chama para fazer uma comunicação mais próxima, né, no sentido de mais humana, mais empática e mais plural, principalmente, é óbvio que eu vejo isso como um desafio, especialmente com a história que tinha TV Bahia, né? A associação política, a associação a um grupo social apenas.

Então, essa foi uma provocação que para mim me motivou muito, de ajudar uma emissora que quer, de fato, representar um estado, que quer se aproximar desse estado e como fazer essa ponte. Eu acho que é justamente isso, né? Se esforçando para ter esse olhar para o outro, esse olhar empático, esse olhar eh que tenta eh se conectar mesmo, né?

Então, acho que por isso que eu aceito esse convite em 2018 com essa proposta de chegar mais próxima e com essa possibilidade de fazer uma comunicação diferente, mais moderna, né? E principalmente mais a serviço das pessoas.

OFF 13 (MAURO ANCHIETA): O ESTILO FIRME E OS COMENTÁRIOS INCISIVOS DA NOVA APRESENTADORA DO BAHIA MEIO DIA, REMODELOU O PERFIL DO JORNAL E REPOSICIONOU O PROGRAMA NA FAIXA DE HORÁRIO, ATRAINDO AS PESSOAS QUE COMPARTILHAVAM DAS INDIGNAÇÕES DA ÂNCORA. JÉSSICA NÃO TITUBEAVA: ATINGIA QUEM PRECISAVA ATINGIR, INCLUSIVE O PÚBLICO, CATIVADO PELAS OPINIÕES DITAS EM TV ABERTA. ALGO QUE NÃO ERA INÉDITO, MAS QUE ERA DIFERENTE. UMA MULHER SE COLOCA NESTE LUGAR DE COBRANÇA, E CHACOALHA O MODELO TRADICIONAL. /// AS REDES SOCIAIS, PONTES DE APROXIMAÇÃO DA TV COM AS PESSOAS, PULSAVA A CADA DISCURSO.

SOBE SOM COM JÉSSICA SENRA FAZENDO ALGUM COMENTÁRIO MARCANTE NA TV

Ana Raquel Copetti - DIRETORA DE JORNALISMO (IMG 1490)

16:29 - 17:20

Acho que Jéssica Senra foi um marco, né?

Ela chega em 2018 com essa maneira de comunicação mais solta né, assim, essa fala mais livre mesmo e ela acaba provocando os outros. Então foi natural também, porque ela trouxe, ela ocupou um espaço e fez uma transformação que impactou nos colegas. E os colegas se impactaram. então os apresentadores também entenderam que eles poderiam avançar, a direção tinha uma diretriz, sigam aqui, porque é isso que a gente precisa, o público aceitou bem, o público se identificou, e os repórteres vieram e foram chegando e foram também mudando. então, eu não acho que não há formalidade. eu acho que há uma linguagem menos dura para tratar de maneira formal, na tv ou em outro veículo, do conteúdo e fazer com que ele chegue, eu acho que mais a gente faz o entendimento pelas pessoas com isso

CLIFE/SOBE SOM APRESENTANDO RILDO DE JESUS

OFF 14 (MAURO ANCHIETA): CONHECER SALVADOR NA PALMA DA MÃO É AINDA MAIS IMPORTANTE QUANDO A NOTÍCIA PRECISA DE VELOCIDADE. /// O ADVENTO DOS MOTOLINKS NOS TELEJORNAIS NÃO APENAS TORNARAM OS PRODUTOS MAIS RÁPIDOS PARA ALCANÇAR A PAUTA FACTUAL, COMO TAMBÉM REFORÇOU O ELO ENTRE TELEVISÃO E COMUNIDADE.

RILDO DE JESUS - REPÓRTER

05:42 - 05:57

nasceu mais da necessidade de se chegar logo na notícia. imagina só, um acidente na paralela, no horário de pico. vai chegar lá como? era muito difícil chegar. e essa questão do motoboy aconteceu justamente dessa demanda, dessa necessidade de se chegar direto ao fato.

07:30 - 08:04

Abaixo de Deus, se você não tiver contato, se você não tiver rua, pessoas que, que não tem compromisso nenhum, que às vezes só lhe viu uma vez, ou às vezes nem lhe viu pessoalmente, pegar o zap, pra passar o que tá passando na sua rua, na sua região, entendeu? Sem lhe cobrar nada em troca. É disso que eu tô falando. A gente tem moto Uber, motorista de aplicativo, o cara da Coelba, pessoal da Polícia Militar, da Polícia Civil, Guarda Municipal, enfim. Gente, se você não tiver contato com essas pessoas, praticamente fica muito difícil você chegar em cima do fato. A redação ajuda? Massa, a redação ajuda para caramba.

08:10 - 08:23

Mas a cidade, o que as pessoas falam, isso é de uma importância tão grande que não tem preço.

OFF 15 (MAURO ANCHIETA): O FENÔMENO DA PROXIMIDADE ALIMENTA O ESPELHO DOS TELEJORNAIS. AS NOTÍCIAS AGORA TAMBÉM SÃO FEITAS PELA POPULAÇÃO, E ENCAMINHADAS NA RAPIDEZ DO UNIVERSO DIGITAL.

Fernanda Martinez - PRODUTORA

00:44 - 01:00

Hoje é extremamente importante que o telespectador, ele construa a notícia juntamente com o jornalista. Eu costumo falar que o jornalismo, quando a gente tem a participação do público de casa, é como se fosse os nossos olhos espalhados pela cidade.

01:04 - 01:36

A gente recebeu uma ligação de uma moradora informando que uma carreta havia passado, levou toda a fiação da rua dela. Imediatamente a gente mandou o Rildo. Chegando lá, minutos depois, foi lá e resolveu o problema. Ou seja, para a gente pode parecer uma pauta boba, né? Mas para aquela comunidade ali, essa ação faz toda a diferença, né? Muda a rotina daquela comunidade e acaba fidelizando o público. Ou seja, eles ligaram, tiveram o problema resolvido, então fideliza pra que a próxima vez que aconteça, possam contar também com a nossa ajuda.

JESSICA SMETAK - APRESENTADORA (IMG_1515)

Hoje um telespectador, ele pode pegar o celular e gravar a denúncia. “Tô retado, Smetak”, que eu tô aqui no meu bairro, o lixo aqui, o caminhão não tá passando.

[05:13] - [05:23] Ou então “Tô Retado, Smetak” que tá com infestação de mosquito da dengue, a população está adoecendo, sabe? Tem rato aqui no meu bairro. Isso acontece e o povo hoje também pode ser repórter graças à tecnologia.

RICARDO ISHMAEL - APRESENTADOR (145_4358.MXF)

09:35 - 10:00

Contando cada vez mais com esse cidadão repórter mesmo, né? Porque é o que acontece, né? Quando você abre seu canal, né? Abrir as portas, as portas do jornal, como a gente fala, para a participação, você entende que o outro é também um repórter. Que esse que tá do outro lado, que não é meramente um receptor, né? Deixou há muito tempo de ser um mero receptor, é alguém que interfere no processo e precisa interferir.

OFF 16 (MAURO ANCHIETA): PÚBLICO QUE PAUTA O JORNAL. //// AGORA ESSA TENDÊNCIA É CADA VEZ MAIS COMUM EM UM TELEJORNALISMO QUE PREZA POR ESSA RELAÇÃO DE TROCA COM O TELESPECTADOR. /// NESTE CASO, O PÚBLICO VAI ATÉ A EQUIPE DE JORNALISMO, MAS NA RELAÇÃO DE PROXIMIDADE, O CONTRÁRIO TAMBÉM ACONTECE. /// O BAHIA MEIO DIA ATUALIZA A APRESENTAÇÃO, E O NOVO ÂNCORA ESCUTA E LEVA AS HISTÓRIAS DO PÚBLICO LADO A LADO... MAS NO SENTIDO LITERAL.

JESSICA SENRA - APRESENTADORA (Clipe: IMG 1706)

12:08 - 12:31

Até porque o formato antigo, se a gente for se dá conta, ele vem do Sudeste, né? Ele vem imposto de uma forma de ser inclusive mais fria e mais distante, sudestina. Nós aqui somos próximos e calorosos, né? E emocionados. Então é claro que a gente se identifica mais com isso, e a gente gosta, e a gente gosta de participar e as pessoas participam, né? Então, eu acho que essa forma é a cara da da Bahia, né?

FERNANDO SODAKE - APRESENTADOR

13:31 - 13:52

Essa mudança do Bahia Meio Dia, desse horário do meio dia, eu acho que passou muito pela cabeça das pessoas que estavam coordenando, que estavam acima, que estavam visualizando isso, estavam chefiando isso. E perceberam que é preciso mudar não só o formato de como a gente faz nas ruas e traz o produto, mas também como a gente entrega.

DANIEL TEIXEIRA - EDITOR DE TEXTO (CLIP - IMG_1592)

O que a gente quer notícia que impacte a vida das pessoas, sabe? E nós somos pessoas também, nós somos cidadãos, então nós somos impactados com essas coisas que acontecem.

[04:43] - [05:12]

Então, eu acho que a gente tem que se envolver, sabe? Porque se envolve envolvendo a gente é a gente percebe o que é que falta, o que é que precisa, sabe? Porque a gente mesmo tá sentindo. Então, eu acho que a gente tem que quanto mais a gente se envolver na matéria é melhor. Claro que tem as exceções, né? Que a gente tem que manter o nosso nossa neutralidade e coisa e tal, mas eu vejo que isso tá diminuindo bastante.

OFF 17 (MAURO ANCHIETA): SEM OBA-OBA, PARCIALIDADE... E SENSACIONALISMO. A BUSCA POR UM JORNALISMO DE PROXIMIDADE, QUE CHAMA A ATENÇÃO DAS PESSOAS, FORMA UMA LINHA TÊNUE, ONDE O RISCO DE EXTRAPOLAR OS LIMITES ÉTICOS AUMENTA.

MÜLLER NUNES - REPÓRTER

02:07 - 02:53

Quando eu chego numa comunidade, numa favela, muitas vezes eu chego sem a câmera, sem o microfone, vou conversar com as pessoas, bater um papo, entender a história delas, falar que eu estou ali fazendo um trabalho, mas de forma que elas se sintam seguras. Se elas quiserem me contar aquelas histórias e aparecer, OK. Se não, tudo bem, eu vou ter que contar isso de uma forma sozinho, mas só ouvindo esse relato já vai ser mais fiel do que apenas uma pauta que eu recebi e vou executar. Então, para mim, jornalistas de proximidade tem que, de fato, estar próximo dessas pessoas, tanto tentando mostrá-las de uma forma bem próxima à realidade, quanto ouvindo esses relatos e tendo a mínima interferência possível.

DINHO JÚNIOR - APRESENTADOR

Clipe: IMG 0041

Eu sou de Cajazeiras, eu sou cria de uma comunidade. Então quando eu tive a (0:39) oportunidade de trabalhar com jornalismo, também no jornalismo popular, eu entendi (0:45) que esse compromisso na prática estaria muito atrelado a entender que, em pautas que envolvem (0:51) a comunidade, a gente precisa exercer um papel de parceria, não só no conto da história, (1:00) mas no respeito ao que se fala, no entendimento sobre justamente o quão vulnerável é aquela (1:07) parcela da sociedade.

OFF 18 (MAURO ANCHIETA): A NATURALIDADE NA COMUNICAÇÃO DO REPÓRTER COM O PÚBLICO TAMBÉM PASSA POR UM TRABALHO INTERNO QUE FAZ TODA A DIFERENÇA /// O JORNALISTA PRECISA SER, SOBRETUDO, VERDADEIRO, PARA SE CONECTAR COM A FONTE.

DALTON SOARES - APRESENTADOR

Clipe: IMG_1499

(6:56) E o jeito de falar é falar com o povo, (6:59) é entrar na casa da tiazinha, (7:02) na cozinha (7:03) e bater um papo horizontal. (7:05) Não há outra maneira de se fazer (7:08) jornalismo de proximidade (7:09) se você não falar de uma maneira horizontal. (7:11) E não dá para enganar.

(7:13) Não dá para a pessoa ser de outro lado (7:15) e entrar ali e, de repente, virar um artista. (7:18) Você tem que estar ali (7:21) diariamente, (7:21) fim de semana, para conversar. (7:23) Não dá para fingir que é do povo.

OFF SEGUINTE COM IMAGENS DOS TELEJORNAIS BAIANOS DA ATUALIDADE

EX: LEITURA DE MENSAGEM NO JORNAL DA MANHÃ; QUADROS E PAUTAS SOCIAIS NO BAHIA MEIO DIA; TRECHOS DO PAINEL DE BAIRRO; BALANÇO GERAL NOS BAIRROS; BALANÇO GERAL NA LAPA E ETC...

OFF 19 (MAURO ANCHIETA): E O QUÊ O FUTURO NOS RESERVA? ATÉ ONDE DEVE CHEGAR ESSE MODELO DE TELEJORNALISMO INTERATIVO,

POPULAR? /// É ASSIM QUE OS PRODUTOS JORNALÍSTICOS DE TELEVISÃO BUSCARÃO SE REINVENTAR?

GLAUBER MATHEUS - DIRETOR DE JORNALISMO

[08:56] - [09:07]

Uma nova televisão que vem e ela é na TV aberta. Mirando essa concorrência com o streaming, você vai lá e escolhe o seu programa na hora que você quer, você interage com ele, as televisões vão passar a ser assim, as televisões abertas.

[10:36] - [10:55]

A televisão vai ser praticamente um celular na sua casa. Quem vai comprar televisão precisa até segurar um pouquinho, porque essas TVs novas vão chegar aí nos próximos anos, claro que você não quebrou, né? Mas vai mudar e muito, muito. Essa é a nova aposta, interatividade. É isso. O cara vai ligar, você põe o rosto dele direto na televisão no ar para falar com você, com mais facilidade.

DINHO JÚNIOR - APRESENTADOR

CLIFE IMG 0040

(0:51) Então acredito que o jornalismo de proximidade tem essa obrigação de conseguir estar um (0:56) pouco mais perto do povo para que eles também se sintam atraídos através dessa comunicação, (1:01) a consumir a credibilidade que só o jornalismo tem com todo o processo que envolve utilizar (1:07) as notícias como fonte de trabalho, a apuração, a busca pela imparcialidade, coisas que na internet não tem controle.

OFF 20 MAURO ANCHIETA): TUDO MUITO RÁPIDO, INSTANTÂNEO, COLABORATIVO, CRIATIVO, CONECTADO... PRÓXIMO. /// ESSE É O TELEJORNALISMO QUE JÁ NÃO É MAIS DISTANTE. /// NA BAHIA, UM FENÔMENO QUE PASSEOU POR VÁRIAS EMISSORAS, SENDO CAPAZ DE INFLUENCIAR ATÉ NA MUDANÇA DE UM PADRÃO DA AFILIADA DA MAIOR EMISSORA DO PAÍS. /// NÃO TEM MAIS VOLTA, O FUTURO É HOJE. E O JORNALISMO, QUE EM SUA ESSÊNCIA PERMANECE A SERVIÇO DA GENTE... AGORA TAMBÉM É DA GENTE.

RICARDO ISHMAEL - APRESENTADOR

145_4360.MXF

00:53 - 01:42

eu imagino que nós teremos ainda mais interação. Nós teremos mais recursos tecnológicos, para que as pessoas possam acessar o conteúdo, elas possam participar, elas possam interagir. Eu acredito que nós teremos a em algum momento aí, não muito longe, a ferramenta de termos o telespectador dentro do estúdio, seja holograma, seja projeção de imagem, é, nós já estamos vendo aí mundo afora várias coisas acontecendo com o advento das tecnologias. Eu também não sou o contrário a elas, eu sou até um entusiasta, acho que elas são aliadas, mas novamente volta ao ponto, eu preciso que a gente debata os limites do nosso negócio, do nosso ofício, tudo isso que venha, que venha para se juntar aquilo que é o nosso grande negócio, que é a informação, com responsabilidade, com ética, com seriedade, entendendo aí os limites de cada coisa.

ENCERRAMENTO

KÁTIA GUZZO - JORNALISTA

40:40 - 40:43

Pra você uma boa noite, e até amanhã.

BAIXA SOM E CRÉDITOS